

## PRAZERES DA “LITERATURA LATINA DE INSTRUÇÃO”\*

Matheus Trevizam

(Universidade Federal de Minas Gerais)

### ABSTRACT

In this paper, we would like to exemplify how «literarity», here understood as textual elaboration surpassing mere intents of informative usefulness, makes itself visible in Varro's *De re rustica* and in Cicero's *Cato Maior*. Nevertheless, in the first book mentioned, we can distinguish the preponderance of “macroscopic” structural elaboration and, in the last one, of artistic procedures mostly identified with style's “microscopic” layer.

**Keywords:** *Cato Maior*; *De re rustica*; instructional literature; composition.

### RESUMO

Neste artigo, gostaríamos de exemplificar como a “literariedade”, aqui entendida como elaboração textual que ultrapassa meros intentos de utilidade informativa, faz-se visível no *De re rustica* de Varrão e no *Cato Maior* de Cícero. Contudo, no primeiro livro mencionado, podemos distinguir a preponderância da elaboração estrutural “macroscópica” e, no último, de procedimentos artísticos, sobretudo, identificados com o nível “microscópico” do estilo.

**Palavras-chave:** *Cato Maior*; *De re rustica*; literatura instrucional; composição.

\* Este artigo se insere como produção vinculada a nosso projeto de estágio pós-doutoral na Universidade de Paris IV/ La Sorbonne, como bolsista da CAPES e sob supervisão do prof. Dr. Carlos Lévy, a quem agradecemos pela solícita leitura e sugestões (título do projeto: “Imagens da ruralidade em fins da república romana – o ‘De re rustica’, de Varrão reatino, e o ‘Cato Maior’, de Cícero”/ número do processo CAPES: 1501/ 11-9).

Ideia estranha à mentalidade hodierna,<sup>1</sup> a antiga “Literatura latina de *instrução*”<sup>2</sup> – e, por essa última palavra, entendemos o *sistemático* comprometimento das obras com oferecer ao público saberes orientadores de sua prática em algum ramo da atividade humana – raramente se desvinculou de propósitos valorizadores do texto *em si*.<sup>3</sup> Tocamos, assim, na questão da

<sup>1</sup> Cf. Dalzell, A. *The criticism of didactic poetry. Essays on Lucretius, Virgil and Ovid*. Toronto/ Buffalo/ London: University of Toronto Press, 1996, p. 16: *This radical separation of poetry from truth is one of the legacies of the romanticism. It is true that the Romantics were willing to accord the poet some sort of teaching role, but it was a seriously diminished role. The poet's world was that of the imagination, or of reflection, or emotion, not that of systematic thought. To argue a case was to abandon the realm of poetry for that of philosophy or science. Poetry can teach, said Quincey, but 'only as nature teaches, as forests teach, as the sea teaches, as infancy teaches, namely, by deep impulse, by hieroglyphic suggestion'*. Apesar da restrição, pela letra, das palavras do crítico ao contraste entre mundo “imaginativo” da poesia e a esfera racional da ciência e da filosofia, parece-nos lícito estender o alcance de tal contraste mutuamente excludente de limites também para os tipos de discurso que consideramos “literários”, ou engajados no sentido estético, ou não; por sinal, uma das definições de “Literatura” corresponde justo à de ficção, discurso “não verdadeiro” (cf. Eagleton, T. *Literary theory. An introduction*. Oxford: Basil Blackwell, 1983, p. 1-2).

<sup>2</sup> No indistinto domínio da poesia, Horácio, em *Epístola aos Pisões* 333-334, observa que *Os poetas desejam ou ser úteis, ou deleitar, ou dizer coisas ao mesmo tempo agradáveis e proveitosas para a vida* (grifo nosso) [cf. Aristóteles; Horácio; Longino. *A poética clássica*. Tradução de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1995, p. 65 - *Aut prodesse uolunt aut delectare poetae/ aut simul et iucunda et idonea dicere uitae*]. Por sua vez, Alexander Dalzell, em sua obra destinada à discussão da poesia didática romana, lembra-se de testemunhos antigos – como o do rapsodo do Íon, de Platão, o de Estrabão, autor de uma *Geografia*, e o do Aristófanes de *As rãs* 1031-1036 – a reconhecerem seguros em variados poetas (como Homero, nas duas primeiras ocorrências, e Hesíodo e Museu, na última) saberes técnicos especializados do tipo da arte bélica dos generais, da topografia mediterrânea, da agricultura e da medicina (*op. cit.*, p. 10). Em sentido amplo, talvez toda a Literatura antiga, em prosa ou verso, pudesse dizer-se habilitada a educar ou instruir, mesmo que, a exemplo de Homero, o modo discursivo consista no narrar e não, sistematicamente, no oferecimento de saberes ou na construção de conceitos, como ocorre de modo típico no gênero didático e nos diálogos. A vocação educativa dos textos tratou-se, em última instância, do modo como foram acolhidos na Antiguidade, parecem-nos confirmar os supracitados exemplos de Dalzell. A respeito do papel *moralmente* formador de Homero, ou seja, da proposição por ele de modelos humanos de excelência, por outro lado, cf. clássico ensaio de Werner Jaeger (Homero como educador. In: Jaeger, W. *Paideia. A formação do homem grego*. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 61-84).

<sup>3</sup> Cf., sobre a mescla de recursos literários em textos, especificamente, técnicos latinos, Perutelli, A. Il texto come maestro. In: Cavallo, G. *et alii*. (org.). *Lo spazio letterario di Roma antica*. Roma: Salerno Editrice, 1989. Vol. I, p. 277-278: *Anche ad altri livelli i confini erano più labili o pressoché inesistenti. I manuali scientifici, da Catone a Varrone, da Vitruvio a Plinio Il Vecchio, ecc., non offrivano una secca distinzione dal prodotto letterario, col quale più di una volta si intersecavano in modo appariscente (si pensi alla forma del dialogo nel “De re rustica” di Varrone). Così come l’opera letteraria non si escludeva da intenti moralistici, altrettanto non rinunciava a combinarsi con la scienza senza presentare quella divisione tra le “due culture” che è per noi usuale.*

“literariedade”<sup>4</sup> de certos escritos romanos antigos que se inserem, do ponto de vista dos usos aos quais parecem destinados por sua própria letra, no âmbito da categoria analítica aqui proposta desde o título.

Dito diversamente, se por “literariedade”, neste caso, compreendemos a fluida característica de alguns textos concebidos não só para votar-se ao informativo, ou, nos termos de Jakobson num muito conhecido e lido ensaio, “referencial”,<sup>5</sup> mas, ainda, à construção de mecanismos de linguagem distintos deste propósito, pois que se trata do deliberado enriquecimento de sua trama com vistas a dotá-los de traços antes afins ao aprazível, tal componente, na

<sup>4</sup>. Sobre a relativa inconsistência de qualquer conceito do “literário” e da “Literatura” que se deseje estabelecer, recomendamos a leitura de Eagleton, *op. cit.*, p. 1ss. (*You can define it, for example, as ‘imaginative’ writing in the sense of fiction – writing which is not literally true. But even the briefest reflection on what people commonly include under the heading of literature suggests that this will not do. Seventeenth-century English literature includes Shakespeare, Webster, Marvell and Milton; but it also stretches to the essays of Francis Bacon, the sermons of John Donne, Bunyan’s spiritual autobiography and whatever it was that Sir Thomas Browne wrote*); e, especificamente, a respeito das “falhas” (e acertos) de uma escola como o formalismo, influente por décadas do século XX (ainda sobre Jakobson e Roland Barthes), veja se a leitura de Jefferson, A. *Russian formalism*. In: Jefferson, A.; Robey, D. (org.). *Modern literary theory. A comparative introduction*. London: Batsford Academic and Educational, 1984, p. 35: *These, then, are the strengths of the theory. As to its shortcomings, these derive, in the main, from its exclusive concern with the literary. The non-literary elements against which the literary is differentially defined are insufficiently theorized. The Formalists have no developed theory of language and no theory of culture and society, and this lack poses certain limitations on their theory of literature. (...) In Formalist theory we are dealing with a very limited and pre-Saussurean view of language, and we shall see in the next chapter how much more subtlety and refinement a theoretically consistent view of language can bring to literary theory – as in the case of Roman Jakobson’s six-function model*. Porém, diante da necessidade de operar, minimamente, com conceitos, propomos em seguida nossa própria noção para o âmbito circunscrito destas análises, não, decerto, infalível, nem invulnerável a críticas.

<sup>5</sup>. Cf. Jakobson, R. Linguistique et poétique. In: \_\_\_\_\_. *Essais de linguistique générale. I. Les fondations du langage*. Paris: Les Éditions de Minuit, 2003, p. 213ss. Nesse ensaio, o linguista tratou das “funções da linguagem”, correspondendo elas a ênfases dadas, no interno do processo comunicativo, a cada um dos fatores integrantes envolvidos: assim, ao emissor/ “eu”, cabe a função emotiva, que tipicamente se realiza por meio de interjeições; ao receptor/ “tu”, a conativa, identificada, sobretudo, com os vocativos e imperativos verbais; ao “contexto”, ou seja, àquilo de que se fala/ “ele”, a referencial; à mensagem/ *modus dicendi*, a poética; ao canal comunicativo, a fática (“alô”, “bom dia!”); ao código/ língua natural, a metalinguística. Para ele, então, encontra-se a poeticidade/ especial cautela com o bem dizer não só na poesia, como também a cada vez em que um usuário da linguagem opera escolhas não apenas movidas por restrições gramaticais ou da presença comunicativa imediata do momento, mas, ainda, de certo modo pensadas para “objetificar”, tornar algo mais que transmissores de conteúdos as palavras; por outro lado, referencialmente empregadas, as palavras como que delegam ao “mundo”, de que tratam, a focalização de primeiro plano no discurso. Jakobson também observa, fundamentalmente, que com muita dificuldade as funções se encontram de modo “puro” ou exclusivo em qualquer situação de emprego linguístico que examinemos, mas tendem a coexistir a cada vez, contribuindo, porém, a maior prevalência de uma ou outra para evidenciar o aspecto do circuito comunicativo em relevo (Jakobson, *op. cit.*, p. 214).

verdade, encontra-se amiúde disperso pelas páginas de muitas obras latinas que temos por “interessadas”, no sentido prático do termo.

A ilustrar-nos a proposição, mesmo no “rude” *De agri cultura*, de Catão Censor (séc. III/ II a.C.), opúsculo, decerto, dado à sistematização das duas grandes culturas arbóreas mediterrâneas como meio de incrementar os rendimentos agrários das elites itálicas da primeira metade do séc. II a.C.,<sup>6</sup> encontrou-se, ao lado dos traços arcaicos e despídos de objetivos outros que não os de direcionarem para o trabalho, alguma estilização:

Não nos deve surpreender se prosa rítmica e σκῆματα λέκεως são encontrados, embora em pequena medida, até mesmo no *De agri cultura*, especialmente no prefácio, em que não falta algum esforço literário, a ponto de terem sido notadas possíveis coincidências formais com os fragmentos do *Pro Rhodiensibus*. O estilo paratático, com que se desenvolve em parte toda a obra, adquire no prefácio uma particular eficácia expressiva. Mas também aqui o andamento periódico, breve e geralmente simples, privado de tortuosidades sintáticas, mas não privado de paralelismos, de antíteses, de quiasmos, é estruturado sobre bases rítmicas com cláusulas de *commata*, de *cola* e de período.<sup>7</sup>

Ao abordarmos a matizada “família” temática dos escritos sobre o campo em Roma, por sinal, observaremos de uma ponta a outra do espectro, ou seja, da maior limitação compositiva do *De agri cultura* catoniano à sensível riqueza do livro X da obra agrária de Columela<sup>8</sup> e dos diálogos *rerum rusticarum* de

<sup>6</sup> Cf. Robert, J.-N. *La Vie à la campagne dans l'Antiquité Romaine*. Paris: Les Belles Lettres, 1985, p. 94: *Ce texte appelle quelques remarques en considération du reste de l'ouvrage de Caton. En fait, tout au long de son livre, on voit que l'importance est donnée aux vignes et aux oliveraies, et il est vrai que cela correspond bien à la nouvelle tendance agricole de cette époque, même si cette situation doit encore changer au premier siècle avant notre ère.*

<sup>7</sup> Cf. Traglia, A. Osservazioni su Catone prosatore. *Latomus. Revue d'Études Latines*. Bruxelles, vol. CLXXXVII, p. 356, 1985, em minha tradução (especialmente, note-se a “escansão” da seguinte passagem, proposta por Traglia: “sic habuerunt”: *clausola eroical* “*legibus postuerunt*”: *trocheo + cretico + spondeol* “*condemnari*”: *dispondeol* “*feneratorum quadrupli*”: *cretico + spondeo + cretico, o anche trocheo + spondeo + coriambo*).

<sup>8</sup> O livro X da obra agrária de Columela, em próximo diálogo compositivo e intertextual, sobretudo, com o IV das *Geórgicas* virgilianas, foi incluído pelos críticos na categoria da poesia didática antiga (cf. Dalzell, *op. cit.*, p. 21-22); ainda, Meissner, B. *Die technologische Fachliteratur der Antike. Struktur, Überlieferung und Wirkung technischen Wissens in der Antike (ca. 400 v. Chr. – ca. 500 n. Chr.)*. Berlin: Akademie Verlag, 1999, p. 85: *Bereits Columella schloss in seine Landwirtschaftsschrift ein Kapitel über den Gartenbau ein, dem er die Form eines Lehrgedichts gab. Das Vorwort zu diesem Buch beschreibt, dass der Adressat des Gesamtwerkes, Publius Silvinus, Nachbar Columellas in Caere, sowie ein Freund (Gallio) diese Behandlung der Gartenbearbeitung in Versform gewünscht hatten, während der ursprüngliche Plan des Gesamtwerkes nur zehn Bücher vorgesehen hatte. Inhaltlich findet das Buch seine Rechtfertigung durch die Veränderungen, denen der Gartenbau durch Verstädterung und Luxuskonsum unterlag, formal dadurch, dass Vergil das Thema Späteren zur Bearbeitung überlassen hatte. (...) Die formale Anknüpfung an Vergil wird gesucht, obwohl dessen “Georgica” weniger landwirtschaftliches Lehrgedicht sind als dass sie das menschliche Dasein im Spiegel der Existenz des Landwirtes deuten.*

Varrão, a permanência do literário, ou das tentativas de elaborar os textos para muito além de quaisquer fins “instrutivos”; tal família, ainda, mostra-se-nos com especial interesse, pois até distintas gradações de feitura artística são, aqui, depreensíveis. Desse modo, em recorte que cremos apto a esclarecer exemplarmente a questão, propomo-nos a seguir uma análise de aspectos do *De re rustica* varroniano e de uma passagem do *Cato Maior* de Cícero, em tentativa de mostrá-los funcionais e operantes também no nível valorativo da própria trama textual.<sup>9</sup>

## FORMA DIALOGADA E LEVEZA EXPOSITIVA NO DE RE RUSTICA DE VARRÃO REATINO

O traço mais ostensivo do *De re rustica* varroniano, idêntico ao fato de estruturar-se ele como um diálogo,<sup>10</sup> corresponde ao principal aporte literário do autor para a bem trabalhada feitura do texto: de início, será talvez válido lembrar que tal gênero, para nós primeiramente representado na cronologia pelos diálogos gregos a terem Sócrates por protagonista,<sup>11</sup> contava, à época de escrita dessa obra, com uma já rica e prestigiosa história. Assim, apenas em rememoração de alguns poucos pontos-chave desse percurso, a forma dialogada correspondeu, sobretudo pelas mãos de Platão,<sup>12</sup> Aristóteles<sup>13</sup> e Cícero,<sup>14</sup> ao

<sup>9</sup> Sobre alguns traços literários do *De re rustica*, cf. Traglia, A. Le “Res rusticae” di Varro- ne come opera letteraria. *Cultura e scuola*. Roma, n. XCIV, p. 89-97, 1985.

<sup>10</sup> Como explicado por Blandenet (Le savoir agronomique et sa transmission à Rome à la fin de la République. *Camennulae*. N. 3, p. 10, juin 2009), tal iniciativa varroniana não é desprovida de originalidade e de intentos, ao que parece, de valorização “racionalizante” do tema “humilde”: *De fait, si l'on reprend les analyses récentes de Jean-Pierre Aygon, le genre du dialogue à Rome semble bien se caractériser, entre autres, par la présence d'un thème philosophique. Or, le seul autre auteur à utiliser la forme du dialogue pour parler d'agriculture – sur le modèle platonicien cette fois – est Xénophon, dans son «Économique». Mais l'on pourrait dire qu'il s'agit moins pour lui de transmettre un savoir-faire agricole que de disserter sur l'art de commander et sur l'importance de la discipline – car c'est ce point, et non le savoir agronomique, qui décide véritablement chez Xénophon de la réussite en matière agricole et fait la différence entre les bons et mauvais agriculteurs. À Rome, Varron est donc le seul à adopter la forme du dialogue – réservée traditionnellement aux sujets philosophiques, spéculatifs ou théoriques – pour transmettre un savoir agronomique qui relève 'a priori' de la pratique et de l'expérience.*

<sup>11</sup> Cf. Clay, D. The origins of socratic dialogue. In: Waerdt, P. A. V. (org.). *The socratic movement*. Ithaca/ London: Cornell University Press, 1994, p. 26-33.

<sup>12</sup> Cf., sobre os diálogos de Platão, a terem Sócrates como elemento estruturador, Ruch, M. Évolution du dialogue platonicien. In: \_\_\_\_\_. *Le préambule dans les oeuvres philosophiques de Cicéron*. Paris: Les Belles Lettres, 1958, p. 31: *On répartit communément les 'oeuvres socratiques' de Platon en trois groupes: d'abord les dialogues apologétiques, écrits sous le coup de l'indignation, tout de suite après la mort du maître («Apologie», «Criton»), puis les portraits idéalisés («Phédon»,*

veículo privilegiado da expressão filosófica, o que lhe garantiu vasta difusão no tempo e, mesmo, a transposição do ambiente cultural helênico para o latino.<sup>15</sup>

Varrão, pessoalmente relacionado com Cícero,<sup>16</sup> conhecedor dos dotes literários do arpinate e, decerto, não pouco movido pelo desejo de visibilidade<sup>17</sup> e reconhecimento nos meios intelectuais de Roma, parece-nos ter seguido a forma dialogal ao escrever o *De re rustica* como quem buscasse, para si e para o tema em jogo, uma mais provável dignificação. Ressaltamos, a esse respeito, que ele corresponde ao segundo dos grandes autores da Literatura latina a abordar com sucesso as questões da ruralidade – pondo-se como intermediário entre o pioneirismo de Catão Censor<sup>18</sup> e a espantosa empreitada do Virgílio

«Banquet», «Thééète», «Parménide»), *enfin les dialogues où Socrate n'est plus que le porte-parole de l'Académie.*

<sup>13</sup>. Cf. Tejera, A. D. Aristóteles. In: López-Férez, J. A. (org.). *História de la Literatura griega*. Madrid: Cátedra, 2000, p. 698: *Aristóteles ha dejado una amplia y profunda obra. Y se acepta como doctrina común que esta obra comprende dos clases de escritos. Una clase que engloba tratados denominados "exotéricos", dedicados a la publicación y de estructura dialógica, en su mayor parte, de imitación platónica.* Cf. ainda Aristotele. *I frammenti dei dialoghi*. A cura di R. Laurenti. Napoli: Loffredo, 1987, p. 56, em que o organizador aponta, como características dessa espécie dialógica, segundo indicações ciceronianas, *disputare in utramque partem – pro e contra*, pois – (*De oratore* III 21, 80), haver proêmios (*Ad At.* IV 16, 2) e a condução do diálogo pelo autor, ou, no mínimo, com sua participação (*Ad At.* XIII 19, 3-4). Ele ainda acrescenta que, nem sempre, todas essas características se encontram de todo bem representadas em cada exemplar dialógico aristotelicamente construído, e que, na prática, faz-se notar a prevalência das exposições seguidas das personagens a tomarem a palavra: *Eso si ridurrebbe a una prevalenza della trattazione continua, come si osserva in taluni dialoghi platonici, ad es. nelle "Leggi"* (*op. cit.*, p. 63).

<sup>14</sup>. Cf. Blandenet, *op. cit.*, p. 10: *Varron opte en effet pour celle du dialogue, genre qui, pour évoquer les oeuvres de Platon, renvoie plus précisément ici au 'mos Aristotelius'. Varron en effet se met lui-même en scène parmi les protagonistes des trois dialogues, qui sont censés s'être déroulés de son vivant. C'est la forme que Cicéron popularise à la même époque dans ses propres oeuvres philosophiques, à partir de 'De legibus'.*

<sup>15</sup>. Cf. Auvray-Assayas, C. *Cicéron*. Paris: Les Belles Lettres, 2006, p. 45: *L'enjeu philosophique du dialogue est particulièrement marqué à Rome parce que Cicéron innove en l'utilisant: les écrits philosophiques antérieurs ou contemporains ont la forme du traité ou du poème didactique, comme celui de Lucrèce, mais sont dans les deux cas dirigés par un auteur omniscient. Or, grâce au dialogue, s'ouvre un espace d'échanges et de débats qui n'avait pas été jusqu'à là exploré: Cicéron est le premier à Rome à donner une dimension collective à l'enquête philosophique parce qu'il veut préserver les conditions du débat contradictoire au moment même où la dictature de César menace la collégialité des décisions, jusque là garantie par les institutions républicaines.*

<sup>16</sup>. Cf. Kumaniecki, C. Cicerone e Varrone: storia di una consenzia. *Athenaeum*. Pavia, vol. XL, p. 221-243, 1962.

<sup>17</sup>. Cf. Kumaniecki, *op. cit.*, p. 235-236: *Varrone, benché abbia adesso con Cicerone contatti personali a Tuscolo, chiede di introdurre la sua persona in uno dei dialoghi di Cicerone non direttamente, ma di nuovo per mediazione di Attico.*

<sup>18</sup>. Sobre o pioneirismo de Catão Censor como prosista latino, cf. especialmente Astin, A. E. *Cato the Censor*. Oxford: Clarendon Press, 1978, p. 182.

“geórgico” –,<sup>19</sup> e que, apesar de coevamente reconhecido pela amplitude de seus saberes, ontem e hoje a questão da qualidade de seu estilo permanece controversa.<sup>20</sup>

Ora, a existência mesma da prévia iniciativa de escrita do Censor testemunhava não ser indispensável haver um intrincado refinamento artístico do texto para que se construíssem em latim obras técnicas funcionalmente operantes.<sup>21</sup> Ocorre, no entanto, que o momento de inserção desta nova empreitada compositiva não mais admitia certas limitações encontráveis numa obra arcaicamente inaugural como o *De agri cultura*, o qual, até, dá claras mostras de alguns titubeios<sup>22</sup> de Catão diante da complexa tarefa de

<sup>19</sup> Para o conhecimento da arte de Virgílio neste que alguns têm como seu mais refinado poema, cf., na vasta bibliografia disponível, em escolha que reconhecemos, sem sombra de dúvida, até certo ponto aleatória, Wilkinson, L. P. *The “Georgics” of Virgil. A critical survey*. Norman: University of Oklahoma Press, 1997, e Otis, B. *Virgil. A study in civilized poetry*. Norman: University of Oklahoma Press, 1995.

<sup>20</sup> Sobre algumas limitações de Varrão escritor, cf. especialmente Heurgon, J. *L’effort de style de Varron dans les «Res rusticae»*. *Revue de Philologie*. Paris, vol. XXIV, p. 62, 1950: *Nous avons la chance, si l’on ose dire, d’avoir en Varron un assez mauvais écrivain, le seul peut-être dans toute la littérature latine de la belle époque sur qui l’on puisse prononcer avec assurance un tel jugement. Et ce n’est pas naturellement que l’on confonde le laisser-aller de la langue parlée avec les défauts propres d’un style. Ce n’est pas non plus qu’on reproche à Varron de ne pas écrire comme Cicéron et César, envisagés comme les modèles absolus de l’éloquence. Ses fautes, c’est lui-même qui nous les signale en nous révélant, à chaque ligne, un idéal vers lequel il tend et qu’il n’atteint pas. (...) Et ce n’est pas non plus sa faute si, ayant commencé un paragraphe avec un souci évident d’ordre et de clarté, il en vient, au bout de quelques lignes, à s’embrouiller dans ses constructions, à se perdre dans ses parenthèses, à piétiner dans l’enchevêtrement de ses idées*. Por outro lado, alguns autores vêem nos “deslizes” linguísticos varronianos algo, na verdade, positivo, pois que corresponderia a alguma tentativa de mimetizar, diante da tarefa de representação de amigos – os interlocutores do *De re rustica* – em informalíssima interatividade verbal, a fala latina do dia-a-dia (cf. de Saint-Denis, E. *Syntaxe du latin parlé dans les “Res rusticae” de Varron*. *Revue de Philologie*. Paris, année et tome XXI, p. 141-162, 1947/ Gaillard, S.; Martin, R. *Les genres littéraires à Rome*. Paris: Nathan/ Scodel, 1990, p. 235); a presença do mesmo padrão expressivo, porém, numa obra não dialogada como o *De lingua Latina* parece enfraquecer essa tese.

<sup>21</sup> O *De agri cultura* contém elementos e passagens localizadas pronunciadamente técnicos, haja vista, sobretudo, a série de capítulos destinados a sistematizar com miúdos detalhes a feitura de prensas ou moinhos de uvas e azeitonas (XVIII a XXII); sob o ponto de vista da organização seguida do *todo* – e não, meramente, de cada rubrica a cada vez desenvolvida –, porém, a obra apresenta menor sucesso, como argumentamos em diversa ocasião (cf. Trevizam, M. *Linguagem e interpretação na Literatura agrária latina*. Tese de doutoramento inédita. Campinas: IEL-UNICAMP, 2006, p. 69).

<sup>22</sup> Como demonstrou o prefácio de Goujard à edição Les Belles Lettres do *De agri cultura* catoniano, em certas seções da obra, o autor tenta organizar melhor a distribuição dos preceitos: do capítulo 91 a 103, assim, trata-se sempre dos usos da *amurca* – resíduo do fabrico do azeite de oliveira – na economia rural antiga; do 156 ao 158, dos empregos medicinais da couve. Isso não cobre, porém, a totalidade da *dispositio* do tratado (*apud* Caton. *De l’agriculture*. Texte établi, traduit et commenté par Raoul Goujard. Paris: Les Belles Lettres, 1975, p. 34-35).

coligir e organizar tantos preceitos atinentes a tantas práticas camponesas: em vez disso, no século do classicismo romano (a publicação das *Geórgicas*, de fato, segue-se poucos anos à do *De re rustica*),<sup>23</sup> evidenciavam-se mais e mais as conquistas da forma, inviabilizando apenas ignorá-las.

O próprio Cícero, com a série de diálogos filosóficos ou retóricos que compôs (as *Tusculanae disputationes*, o *De Divinatione*, o *De oratore*, o *Laelius de Amicitia*, o *De re publica*, o *Cato Maior de Senectute*...), contribuíra com inegável brilho para o estabelecimento, como dissemos, e decisiva maturidade do gênero dialógico nas letras latinas, ademais imprimindo também a esses escritos a marca característica de sua escrita harmonizadora.<sup>24</sup> Não consideramos, pois, sem importância que Varrão tenha eleito justo a forma “à moda” dessas obras ciceronianas teóricas ao decidir-se, no rico universo de sua poligrafia, por dedicar-se a compor sobre o tradicional âmbito romano das práticas agrárias, mesmo que, por questões de gosto<sup>25</sup> ou, é provável, de uma impossibilidade de adaptar-se por inteiro aos novos tempos, segundo procedimentos estilísticos às vezes desconcertantes para seu público.<sup>26</sup>

<sup>23</sup>. A datação estabelecida para ter-se publicado as *Geórgicas* em Roma corresponde a 29 a.C.; o *De re rustica*, por sua vez, saíra em 37 a.C.

<sup>24</sup>. Cf. Powell, J. G. F. Introduction. In: Cicero. *Cato Maior de Senectute*. Edited and commented by J. G. F. Powell. Cambridge: University Press, 2004, p. 23-24: *Stylistically, this work is notable for its exuberance of metaphor and comparison, and for a quality of style in some passages (especially the section on agriculture) that may be called lyrical. When Cicero himself described, in “Orator” 91ff, the ‘middle’ style whose aim was ‘delectare’, he might have been providing a prescription for the style of his own philosophical writings, in their less technical and more rhetorical portions (cf. above, p. 1; 11-15): the chief qualities of this style are said to be ‘suauitas’, absence of ‘contentio’, richness of metaphor, and use of ‘sententiae’ and ‘loci communes’. ‘Sweetness’ and ‘relaxation’ are vague terms, but it is not difficult to recognize them, along with the more definite features there mentioned, in the ‘Cato’. The genre of the dialogue called for a relaxed and informal style, after the example of Plato, and Cicero incorporates this into his own representation of Roman politeness and urbanity.*

<sup>25</sup>. Cf. Kumaniecki, *op. cit.*, p. 242: *È cosa molto significativa che Cicerone, rendendo onore ai grandi meriti di Varrone sul campo della scienza, non fa una sola parola sul suo stile. Dall’ironica osservazione contenuta in una lettera ad Attico si vede chiaramente che quello stile egli non lo apprezzava affatto. Ne cita alcune breve frasi, commentandole così: “Ecco un campione dello stile di Egesia, lodato da Varrone” – “Habes Hegesiae genus quod Varro laudat”. Se ricordiamo la sua severa opinione sullo stile di Egesia, che chiama “puerile” tanto nel “Brutus” quanto nell’ “Orator”, e la constatazione che a Varrone piace uno stile simile, questa frase è naturalmente un giudizio negativo anche sullo stile di Varrone.*

<sup>26</sup>. Cf. Salmerón, J. I. C. Introducción al “De rerum rusticarum”. In: Varrón. *Rerum rusticarum libri III*. Traducción y comentarios de José Ignacio Cubero Salmerón. Sevilla: Junta de Andalucía, 2010, p. 25: *Desde luego, no es el suyo un estilo retórico como el de sus contemporáneos y como un siglo después, entre los autores agrícolas, de Columela. Da la impresión de escribir aprisa, o quizá más bien transcribiendo notas archivadas de sus lecturas y observaciones. Desde luego, los finales de los tres Libros son apresurados, nada parecidos al cuidado puesto en las correspondientes Introducciones. (...) No son pocas las intercalaciones y las frases sin acabar, aunque en estos casos atribuirle los fallos a Varrón puede ser injusto habida cuenta de la auténtica carnicería hecha en*

De todo modo, ele soube servir-se das vantagens que a forma dialogada oferece: uma delas, por “inócua” que pareça para a significação dos textos, corporifica, nos melhores casos, a própria exposição contrastiva de um mesmo tema.<sup>27</sup> Referimo-nos, é evidente, à partilha dos dizeres entre todas as personagens às quais se concede a “voz” num dado diálogo, em todo seu potencial de variação da estratégia expositiva. No primeiro diálogo do *De re rustica*, com efeito, alternam-se, em comentário da agricultura e da arboricultura, figuras como Estolão, Escrofa e Varrão; no segundo, no da pecuária, ainda Escrofa e Varrão, Cossínio, Vácio, Múrrio, Equículo, Ático... No terceiro, no da *uillatica pastio*, além de Varrão, pronunciam-se Mérula, Áxio, Ápio... Apesar, como por vezes ressaltado pelos eruditos, do caráter supostamente nivelador<sup>28</sup> da explanação técnica conduzida pelo autor através de semelhantes personagens, não podemos deixar de notar que, eventualmente, traços característicos dos tipos humanos a que se associam acabam por “contaminar” os dizeres a elas atribuídos de modos bastante favoráveis a uma mais concreta (e matizada) significação:

“Eu, na verdade”, digo, “falarei apenas do que é histórico, dos dois primeiros pontos a chegarem a meus ouvidos, a origem e a dignidade; da terceira parte, onde se trata da técnica, Escrofa, que, para falar em grego a pastores meio-gregos, ‘decerto é muito melhor do que eu’ – vai encarregar-se. Com efeito, ele é o mestre de Gaio Lucílio Hirro, teu genro, cujos rebanhos são considerados célebres nos territórios de Brútio”. “Mas apenas ouvireis essas coisas de mim”, disse Escrofa, “se

*su texto por los copistas de todos los tiempos que no sólo copiaban mal al permitirse “correcciones” injustificadas sino que se permitían glosas propias, todo ello fácil de comprobar en las ediciones críticas. (...). Más asignable a su ligereza al escribir es el relativamente frecuente paso de singular a plural dentro de un mismo párrafo y aun de una misma frase, como asimismo el no saber a veces quién es el contertulio que habla, detalles estos también propios de un estilo popular. A veces hay que deducir el interlocutor por el contexto; en algunas pocas ocasiones he intercalado un nombre para hacer más comprensible la conversación.*

<sup>27</sup> No *De Divinatione*, assim, segundo o modo argumentativo *in utramque partem*, o livro I expressa as opiniões de Quinto, favorável à validade dos procedimentos de agouro tradicionais, e o livro II as de Cícero, seu irmão, contrário a ela (cf. Cicéron. *De la divination*. Traduit et commenté par Gérard Freyburger et John Scheid. Paris: Les Belles Lettres, 2004). Como explica Auvray-Assayas, trata-se de procedimento perscrutador a fim de evitar qualquer dogmatismo, como se se tratasse de fazer ver os pontos fracos (e fortes) de uma e outra das sucessivas posições com vistas a permitir a quem raciocina formar um juízo próprio e probabilisticamente contrabalançado do aspecto sob exame (*op. cit.*, p. 42ss.); segundo ela, ainda (*op. cit.*, p. 42), tê-lo-ia empregado o Neo-Acadêmico Carnéades de Cirene na famosa embaixada de filósofos gregos a Roma (155 a.C.), expulsa por incitação de Catão, o Censor.

<sup>28</sup> Cf. Gaillard, Martin, *op. cit.*, p. 234 (em que os autores ressaltam, apesar da partição da matéria geral entre os diversos interlocutores, a ausência de um verdadeiro debate ideológico ou técnico).

vós, que sois atletas epiróticos da pecuária, me recompensardes e mostrardes o que sabeis. Ninguém, com efeito, pode saber tudo” (minha tradução).<sup>29</sup>

O excerto acima, de inícios do capítulo segundo do livro II do *De re rustica*, exemplifica o efeito de “transbordamento” de sentidos em princípio associáveis às personagens – neste caso, evocativas de dois homens históricos da Roma republicana – para o que têm a dizer. O referencial fictício do pronome de primeira pessoa é, aqui, Varrão Reatino, tal como representado nas linhas do texto, mas, é evidente, não sem retomar alguns contornos daquele homem no plano “externo” da vida romana: conforme vimos, se nem sempre se pôde considerá-lo impecável escritor, constitui ponto pacífico que tenha sido o maior erudito da cultura latina.<sup>30</sup>

Aproveitando, portanto, esse seu traço da erudição, o autor não apenas se retratou no trecho “tal qual era” como, ainda, transpôs para a estrutura do diálogo, no tocante à distribuição de papéis, um pouco dessas suas características. Na sequência imediata, de fato, “Varrão” discorre sobre os aspectos *históricos* da pecuária, explicando-lhe a “origem” e a “dignidade” (importância) com significativos exemplos, por vezes, atinentes até ao universo filosófico e mítico: então, ele menciona a teoria dos “estágios” da cultura humana do peripatético Dicearco<sup>31</sup> a fim de inserir a criação animal no segundo, posterior à coleta, mas anterior à agricultura. Depois, relembra o roubo de rebanhos por Hércules em passagem pelo jardim das Hespérides, as filhas de Atlas, o cobiçado velocino de ouro – uma pele mágica de ovelha –, a criação de Rômulo e Remo pelo humilde pastor de nome Fáustulo e, entre outras associações possíveis, ainda a coincidência da data lendária de fundação de Roma a 21 de abril com a festa das Parílias.

<sup>29</sup>. *De re rustica* II, II, 2: *Ego uero, inquam, dicam dumtaxat quod est historicon, de duabus rebus primis quae accepi, de origine et dignitate, de tertia parte, ubi est de arte, Scrofa suscipiet, ut semignaecis pastoribus dicam graece, 'hós pēr mou pollōn amēnon'. Nam is magister C. Lucili Hirri, generi tui, cuius nobiles pecuariae in Brutiis habentur. Sed haec ita a nobis accipietis, inquit Scrofa, ut uos, qui estis Epirotici pecuariae athletae, remuneremini nos ac quae scitis proferatis in medium; nemo enim omnia potest scire.*

<sup>30</sup>. Cf. Kumaniecki, *op. cit.*, p. 222: *Come sappiamo, Varrone fu il più grande scienziato, Cicerone il più grande oratore e scrittore di Roma antica.* Cf. também, sobre a valorização de sua figura intelectual em períodos posteriores à Antiguidade, Miguel, L. A. H. *Varrón*. Madrid: Clásicas, 2000, p. 44: *Petrarca (“Trionfo della fama” III 37-38) considera a Varrón “il terzo gran lume romano”, tras Virgilio y Cicerón.*

<sup>31</sup>. Além da passagem aqui mencionada, Varrão já citara Dicearco no capítulo segundo de *De re rustica* I (cf. comentário de Heurgon a esse livro da obra, *apud* Varron. *Économie rurale*. Livre I. Texte établi, traduit et commenté par J. Heurgon. Paris: Les Belles Lettres, 2003, p. 113: *Dicéarque (...) péripatéticien, dont le ‘floruit’ se place vers 300, avait, dans son Βίος ἠλλάδος (fr. 1-5, p. 233 M; fr. 47-66 W) distingué, succédant à l’âge d’or, la vie pastorale et la vie agricole (fr. 5 M; 51 W). Cet ouvrage, que Varron citera encore 2, 1, 3 sq., lui avait déjà fourni, dans son «De gente populi Romani» (Fraccaro, *Studi Varroniani*, 1907, p. 69 sq.) et son «De uita populi Romani» (Riposati, 1939, p. 234 sq.), quelques-uns de ses thèmes de réflexion.*

Quanto à intervenção de Gneu Tremélio Escrofa, pode-se dizer que continua a “imantar-se” das características pessoais de mais uma figura histórica, de forma a propiciar, harmonicamente, o reforço do teor de seus “ensinamentos” pelo que dele sabe o público: como bem demonstrado por Martin numa sua clássica obra para a compreensão dos escritos agrários latinos, tal romano foi autor “agronômico” dos mais reputados na Antiguidade, tendo recebido o reconhecimento de Varrão (*De re rustica* I, 2, 10), Públio Silvíno e Plínio, o Velho (*Naturalis Historia* XVII, 199).<sup>32</sup>

Ora, Varrão, por motivos que não consideramos vãos, aqui atribui diretamente a tal especialista expor a intrincada grade temática básica do livro II do *De re rustica*, vindo ela a corresponder a um esboço de todas as “partes” a serem observadas quando se conduz a pecuária: em princípio, essa arte possui nove pontos, três vezes repartidos em três; são esses três grupos a- a criação de ovelhas, cabras e porcos, b- a de bois, asnos e cavalos e c- os assuntos atinentes aos mulos, cães e pastores; no interior de cada um desses sub-tópicos contam-se sempre nove rubricas (1- idade de aquisição, 2- tipo físico dos espécimes desejáveis, 3- tipologia/ raças, 4- leis de compra, 5- apascentamento, 6- reprodução, 7- tempo de amamentação, 8- saúde, 9- número dos espécimes), perfazendo o total de oitenta e uma. Essa grade, na verdade, de acordo com princípios ordenadores amiúde postos em prática por Varrão,<sup>33</sup> passa a ser seguida para o efetivo preenchimento temático desde o primeiro dos capítulos do livro II dedicado a algum tipo de criação, a saber, o segundo, dos ovinos.

Nos dois casos vistos, notamos, algo dos traços caracterizadores dos tipos humanos a tomarem a voz – e que não correspondem, sempre, a um foco uno, por isso contribuindo para enriquecer os modos de explanação dos assuntos rústicos – vem impregnar-se nas palavras que, ficcionalmente, pronunciam, como se nos fosse dado, em certo sentido, apreender algo da vasta cultura *erudita* de Varrão em sua fala citada e daquela *técnica* de um modesto Escrofa na outra correspondente.<sup>34</sup> Funcionamento semelhante, mas não de todo idêntico, encontramos das vezes em que personagens menos conhecidas, como o áugure Ápio Cláudio, interlocutor do terceiro diálogo,

<sup>32</sup> Cf. Martin, R. *Recherches sur les agronomes latins et leurs conceptions économiques et sociales*. Paris: Les Belles Lettres, 1971, p. 237-238.

<sup>33</sup> Cf. Heurgon, J. Introduction. In: Varron. *Économie rurale*. Livre I. Texte établi, traduit et commenté par Jacques Heurgon. Paris: Les Belles Lettres, 2003, p. 47: *Les notices en tête de chaque livre s'efforceront de dégager le plan sur lequel il est construit, et le commentaire tentera de faire ressaisir les efforts constants de Varron pour soumettre à un schéma préétabli une réalité qui souvent lui échappe: notamment dans le livre 1, à l'occasion de 1,5,3 pour le discours de Scrofa et de 1,37,4 pour celui de Stolon; on nottera entre autres, à 1,16,1-6, la solution de rechange qu'il est obligé d'improviser.*

<sup>34</sup> Sobre a importância de Escrofa como personagem e peça funcional do *De re rustica*, cf. Salmerón, *op. cit.*, p. 19.

tomam a palavra para pronunciar-se justo sobre tópicos técnicos aos quais parecem convidadas por razões *onomásticas*:

Ápio nos disse: “(...) Além disso, dizia respeito a mim, não a ti, conhecer esses seres voadores, a que a natureza concedeu tanta inteligência e saber técnico. E assim, para que saibas que eu as conheço melhor do que ti, ouve sobre o incrível saber técnico inato delas” (minha tradução).<sup>35</sup>

O trecho acima, a servir de introdução para uma das duas falas técnicas de *De re rustica* III sobre as abelhas, já que cabe a Ápio dar informações *naturais* a seu respeito, mas a Mérula as *produtivas*, marca um ponto do texto em conexão significativa aproximada com os demais comentados há pouco. Menos detalhes temos da personagem histórica de Ápio<sup>36</sup> do que sobre a de Varrão: nada, porém, parece necessariamente autorizar-nos a considerá-lo exímio criador de abelhas para que uma porção de fala técnica como aquela atribuída a ele no livro final de *De re rustica* o tenha sido por estritas razões de autoridade.

Trata-se, desta vez, evidentemente de motivações características de certos direcionamentos dados por Varrão à estrutura do diálogo que o justificam, pois ele opta com alguma frequência por delegar às personagens versarem sobre sub-tópicos de cada grande “arte” abordada ao longo do tríptico – agricultura, pecuária e *uillatica pastio*, em que se insere a apicultura – cuja zona de ocorrência remete *de pronto* a seus nomes.<sup>37</sup> Sabemos, com efeito, dadas as

<sup>35</sup>. *De re rustica* III, XVI, 1, 3: *Appius nobis inquit: “Praeterea meum erat, non tuum, eas nouisse uolucres, quibus plurimum natura ingeni atque artis tribuit. Itaque eas melius me nosse quam te ut scias, de incredibili earum arte naturali audi”*.

<sup>36</sup>. Cf. palavras de Guiraud sobre essa personagem, em comentário ao capítulo II do *De re rustica* III (*apud* Varron. *Économie rurale. Livre III. Texte établi, traduit et commenté* par Charles Guiraud. Paris: Les Belles Lettres, 1997, p. 58): *Il prendra dans le livre 3 une part importante au dialogue et a donc des connaissances en matière d'économie rurale. Mais c'était aussi un érudit, qui avait écrit un livre sur le droit augural*.

<sup>37</sup>. Nesta forma como Varrão opera a variação dos nomes, em cotejo com a prática ciceroniana no mesmo domínio, poder-se-ia divisar mais um elemento de originalidade do autor (cf. *supra* nota 10) ao construir seus diálogos rústicos. Como observou Hirzel, em obra antiga, mas sempre substancial e atenta na depreensão dos traços compositivos de muitos “espécimes” da família dialógica, *Diese Personen sind sämtlich historische Personen, zum grösseren Theil uns sonst bekannt. Sie sind mit Varro befreundet, auch verwandt wie Fircellius und Varros Schwiegervater Fundanius; ausserdem durch Kenntnisse oder durch die Verhältnisse, in denen sie leben, für ihre Rollen befähigt, wie namentlich Cn. Tremellius Scrofa, einer der vorzüglichsten Kenner der Landwirtschaft und Verfasser einer Schrift hierüber, der einzige ausser Varro, der an mehr als einem Gespräche beteiligt ist. Insoweit unterscheidet sich Varros Verfahren in nichts von dem ciceronischen. Eigenthümlich aber ist Varro die Deutung, welche er den Namen seiner Personen gibt, so dass in ihnen schon die Rolle bezeichnet zu sein scheint, die die Personen im Gespräch zu spielen haben. Im Gespräch des dritten Buches, das sich namentlich mit der Vogelzucht beschäftigt, treffen wir gleich zu Anfang eine Gesellschaft, bestehend aus Merula Pauo Pica und Passer; später kommt nach Parra hinzu. Es ist wichtig, dass diese Männer gerade bei ihren*

origens eminentemente camponesas de uma sociedade como a latina,<sup>38</sup> que muitos romanos – como o próprio Cícero, dotado de um *cognomen* evocativo do grão-de-bicol *cicer*<sup>39</sup> e *Gneus Tremelius Scrofa*, apenas em aparência com desonra de outro a provir da “porca” –<sup>40</sup> tiveram nomes evocativos do mundo rural.<sup>41</sup>

Nada, desse modo, de excepcional ou fantasioso no fato de Varrão, ou outro autor latino qualquer, recorrer a personagens onomasticamente rústicas. Ocorre, no entanto, que a proposital escolha e concentração, nos respectivos livros do *De re rustica*, de interlocutores mais harmonizados, pela maneira como se chamam, com o teor geral da economia agrária a cada vez abordado (havendo *Fundanius, Stolo*<sup>42</sup> e outros semelhantes no primeiro, *Equiculus* e *Vaccius* no segundo, *Appius*, bem o vimos, *Pauo* e *Merula*<sup>43</sup> no terceiro...)

*Vogelnamen genannt werden; ebenso wie Appius so und nicht Claudius heisst, weil er über Bienen ('apes') zu reden hat (III 16, 2 ff.).* – Hirzel, R. *Der Dialog*. Erster Theil. Leipzig: Verlag von S. Hirzel, 1895, p. 557-558. Assim, além de pôr para “conversarem” consigo próprio personagens históricas coevas de amigos ou parentes, adaptadas com verossimilhança a seus fictícios papéis (traços visíveis já na prática ciceroniana do diálogo), Varrão às vezes opta, idiossincraticamente, por introduzir em cena outras personagens apropriadas ao que têm a dizer por peculiar motivo, ou seja, porque sua onomástica pessoal... assim o “recomenda”. Trata-se de procedimento com prováveis raízes em certos usos cômicos (cf. *infra* nota 79), amplamente documentado, sobretudo, nas peças Aristofânicas (ou mesmo plautinas), como explica A. Barton (*The names of comedy*. Oxford: Clarendon Press, 1990, p. 21 e 22). Para a mesma autora, por outro lado, esse traço de indicar um papel pelo sentido evocado por um nome não se encontra tão representado em Menandro e Terêncio, por sua maior sobriedade expressiva; neles, devido ao *hábito* repetido de nomear de certas maneiras alguns *tipos*, sua aparição em palco já de início suscitava expectativas aproximadas sobre seus papéis (cf. Barton, *op. cit.*, p. 28-29). Por fim, as menções de Barton a uma onomástica cômica ao modo de “*Crátulo*” – a de Aristófanes e, por vezes, Plauto, com, entre outros, seu *Crísalo* e, ironicamente, seu Pírgopolinices – ou ao modo convencionalista de “Hermógenes” – a de Menandro e Terêncio, com os nomes (ou máscaras) tipificados para cada caráter humano reiteradamente mostrado nas peças – fazem alusão ao homônimo diálogo platônico, no qual ora se defendera a “naturalidade”/ perfeita adaptação dos nomes às coisas, ora a artificialidade das palavras em sua relação com o mundo (cf. Trevizam, M. Das especulações etimológicas antigas: as contribuições de Platão e Varrão. *Classica*. Belo Horizonte, vol. XVI/ XVI, p. 179-188, 2002-2003).

<sup>38</sup> Cf. Kolendo, J. Il contadino. In: Giardina, A. (org.). *L'uomo romano*. Roma/ Bari: Laterza, 1993, p. 220: *La società romana del periodo regio e alto repubblicano era una società contadina*.

<sup>39</sup> Cf. Grimal, P. *Cicéron*. Paris: Fayard, 1986, p. 26: *Quant au cognomen de Cicero, la traduction veut qu'il ait été infligé pour la première fois à quelque ancêtre remarquable par une verrue (un 'pois chiche') sur son visage ou bien, comme l'assure Plutarque, une fente à l'extrémité du nez, semblable à celle d'un pois. Ce surnom n'est pas particulier à la gens Tullia; il était déjà porté, au milieu du cinquième siècle av. J.-C., par un tribun de la plebe, nommé C. Calvius*.

<sup>40</sup> Cf. *infra* nota 45.

<sup>41</sup> Sobre a decisiva influência das origens rurais de Roma sobre a língua latina, cf. Marouzeau, J. *Traité de stylistique latine*. Paris: Les Belles Lettres, 1946, p. 144.

<sup>42</sup> *Stolo* (“ladrão”) é o broto saído de uma planta ao nível do solo ou do tronco, em latim.

<sup>43</sup> *Merula* é o “melro” em latim.

opera decisivamente para desautomatizar a percepção do leitor: na verdade, com muito custo chegar-se-ia a admitir a coincidência de virem-se “por acaso” a reunir para tratar da *uillatica pastio* (ou de seus sub-tópicos), por exemplo, tantos homens com nomes familiares de aves, não de plantas ou de animais maiores...

Pelo visto, depreende-se que a variação expositiva pelo viés da delegação harmonizadora da palavra a Ápio aproxima-se das duas antes apontadas por ainda haver, desta feita, empatia entre certos traços (sumários) da personagem e o que vem a dizer. Como pontos divergentes, porém, além da falta do aspecto de uma mais forte autoridade no último caso, nota-se aqui o original humor varroniano: segundo ressaltado pelos críticos<sup>44</sup> e, a propósito do emprego da onomástica para tais efeitos, de modo às vezes mais enfático nas linhas do *De re rustica*,<sup>45</sup> não cessa de vigorar a descontração na maior parte dos diálogos, indicando-nos claramente que o autor lhe deu especial atenção a fim de tornar-se mais “palatável” ao público.

Numa primeira abordagem, vários são os meios de que se utiliza Varrão para tanto, como a disseminação de jogos de palavras mais ou menos bem sucedidos,<sup>46</sup> a ligeira ridicularização de interlocutores do diálogo ou,<sup>47</sup> até, de

<sup>44</sup>. Cf. Laughton, E. Humour in Varro. In: Collart, J. (org.). *Varron. Grammaire antique et stylistique latine*. Paris: Les Belles Lettres, 1978, p. 105: *The main purpose of this small offering to a distinguished Varronian scholar is to suggest that the element of humor in the extant work of Varro has probably been underestimated, not perhaps in quality, but in the extent to which it is used by the writer.*

<sup>45</sup>. Cf. Trevizam, M. O “De re rustica” II de Varrão reatino e a comédia greco-romana: analogias. *Caligrama*. Belo Horizonte, vol. XV, n. 1, p. 238-239, 2010. Em *De re rustica* II, IV, 1-2, um interlocutor convida Tremélio Escrofa, cujo nome latino (*scrofa*) significa “porca”, a falar dos *suínos* porque, como a ninguém mais, isso lhe cabe; contudo, o “vergonhoso” *cognomen* na verdade viera a seu avô por um feito militar considerável na província da Macedônia, a partir do que dissera diante de uma incursão inimiga (haver de dispersar os oponentes mais fácil do que uma porca os leitõesinhos, tendo, de fato, sido bem sucedido). Sobre os muitos e nuançados nomes da espécie suína em latim, cf. Poccetti, P. Un animal au centre du monde. Le cochon dans l’antiquité italique et romaine. *Schedae*. Caen, fasc. I, n. 8, p. 125-142, 2009.

<sup>46</sup>. Cf. Laughton, *op. cit.*, p. 109: *Varro’s humour is most effectively exercised in word-play, as we would indeed expect, but even here he does not maintain a consistent standard, as I have remarked above. Some of his verbal jokes strike the modern reader as too verbose, like “rust”. 1, 2, 11: ‘nam non modo ouum illud sublatur est, quod ludis circensibus nouissimi curriculi finem facit quadrigis, sed ne illud quidem ouum uidimus, quod in cenali pompa solet esse primum’, or too laboured, as in “rust”. 2, proem. 3 ‘quod nunc intra murum fere patres familiae correperunt... et manus mouere maluerunt in theatro ac circo, quam in segetibus ac uinetis’.*

<sup>47</sup>. Cf. Laughton, *op. cit.*, p. 107: *The third book, on the breeding of smaller livestock, including birds, begins with Axius and Varro entering the Villa Publica, to find Appius Claudius (appropriately an augur) sitting there, together with four Roman gentlemen, each of whom bears a bird-cognomen (Merula, Pavo, Pica, Passer). This enables the conversation to start with Axius’ facetious enquiry: “May we come into your aviary, where you are sitting among the birds”.*

antecessores na Literatura agrária latina.<sup>48</sup> Os entornos da citação supracitada ao nome de Ápio, por sinal, fazem-nos entrever que, pouco antes, ao sugerir ele a direta passagem para o tema da piscicultura, fora ridicularizado por Áxio por sua suposta pobreza na juventude, quando ficou órfão em companhia de dois irmãos e duas irmãs, e teve de entregar sem dote uma delas em casamento a Luculo antes, enfim, de poder dar-se ao luxo de consumir vinho adoçado com mel. Mas, quanto ao efeito humorístico, estritamente, oriundo do fato de Ápio vir justo a partilhar o tratamento técnico das *abelhas* – *apes*, em latim – com Mérula, poder-se-ia propor algum refinamento.

Em *De oratore* II LIVss., começa-se a discorrer da natureza do risível com a geral recorrência ao termo latino *facetiae* (“facécias, gracejos”): como explica ali a personagem de César Estrabão, haveria neste caso duas ramificações possíveis, pois, de um lado, o riso pode espriar-se ao longo do discurso (*cauillatio* – “mofa”); de outro, manifestar-se por traços vivos e breves (*dicacitas* – “mordacidade”). Além disso, embora esse modo de produção de sentidos nos discursos pareça não de todo redutível a regras (II LVI, 227), a partir de II LVIII, 235, de novo, César encarrega-se de oferecer alguma sistematização: ele consistiria em patentear o disforme físico ou moral, sem, no entanto, que se causasse dor ou horror,<sup>49</sup> já que não cabe ridicularizar nem

<sup>48</sup> Cf. referências explícitas ao riso de certas personagens ao ouvirem citações de autores como os Sasernas (*De re rustica* I, II, 23-26, em minha tradução): *Non enim, siquid propter agrum aut etiam in agro profectus domino, agri culturae acceptum refert debet, sed id modo quod ex satione terra sit natum ad fruendum. Suscipit Stolo, Tu, inquit, inuides tanto scriptori et obstrigillandi causa figlinas reprehendis, cum praeclara quaedam, ne laudes, praetermittas, quae ad agri culturam uehementer pertineant. Cum subrisisset Scrofa, quod non ignorabat libros et despiciebat, et Agrasius se scire modo putaret ac Stolonem rogasset ut diceret, coepit: Scribit cimices quem ad modum interfici oporteat his uerbis: “cucumerem anguinum condito in aquam eamque infundito quo uoles, nulli accedent; uel fel bubulum cumaceto mixtum, unguito lectum”. Fundanius aspicit ad Scrofam, Et tamen uerum dicit, inquit, hic, ut hoc scripserit in agri cultura. Ille, Tam hercle quam hoc, siquidem glabrum facere uelis, quod iubet ranam luridam coicere in aquam, usque qua ad tertiam partem decoxeris, eoque unguere corpus. – “Pois, se o senhor tiver algum ganho por causa do campo ou mesmo no campo, não se deve atribuí-lo à agricultura, mas apenas o que nasceu do cultivo do solo para seu proveito”. Então, Estolão respondeu: “Tu”, disse, “invejas tamanho escritor e censuras-lhe os potes para discordar, omitindo, para não elogiar, certos pontos memoráveis que decerto dizem respeito à agricultura”. Escrofa sorriu, pois não ignorava os livros e os desprezava; Agrásio julgava que apenas ele os conhecia e pediu a Estolão que falasse; então, ele começou: “Descreve como é preciso que os percevejos sejam mortos nestes termos: ‘Conserva na água um pepino comprido e verde-a como quiseres: nenhum percevejo vai aproximar-se; ou ainda, rega o leito com fel bovino misturado com vinagre’”. Fundânio olhou para Escrofa e disse: “Ele fala a verdade, embora tenha escrito isso num livro sobre a agricultura”. Ele respondeu: “Por Hércules, é tão bom quanto isto: ‘Se quiseres depilar alguém, manda lançar uma rã amarela na água, ferver até reduzir à terça parte e umectar o corpo com a água’”.*

<sup>49</sup> Ideias semelhantes encontram-se na definição Aristotélica da Comédia, *Poética* 1449 a 34ss. [cf. Rabbie, E. Wit and humor in Roman rhetoric. In: Dominik, W.; Hall, J. (org.). *A companion to Roman rhetoric*. Malden, Mass./ Oxford/ Carlton, Victoria: Blackwell Publishing,

a desgraça nem o crime. Duas, por sua vez, são as vias essenciais para despertá-lo, as “coisas”<sup>50</sup> e as “palavras”; ocorre o riso baseado nas “coisas” quando, com a troca dos dizeres, não se arruína um gracejo; nas “palavras”, quando não se pode dar a troca da “letra” sem o comprometimento do “espírito” (II LXII, 252). Algumas das modalidades do risível engendrado pelas *palavras* seriam, pela preceituação do *De oratore* (II LXII-LXIII, 253-257), o emprego de expressões de duplo sentido, a paronomásia e a etimologia; os exemplos dados por Cícero para cada uma, respectivamente, evocam, a propósito da falta de Títio (um suposto danificador secreto de estátuas) num jogo de pela no Campo de Marte, ter-se alegado para isso um “braço quebrado” (*bracchium fregisse*); a troca do nome de *M. Fulvius* de *Nobilior* (“mais nobre”) para *Mobilior* (“mais móvel”), pois era de caráter instável; enfim, ter-se comentado de *Nummius* que, *ut Neoptolemus ad Troiam, sic illum in campo Martio nomen inuenisse* – “assim como Neoptólemo o seu junto de Troia, encontrou seu nome no Campo de Marte”. Desta vez, etimologiza-se o nome próprio *Nummius* a partir de *nummus* (“moeda, dinheiro”), em alusão maliciosa ao hábito do ridicularizado de comprar votos naquele local. O risível engendrado pelas *coisas* corresponde inclusive às anedotas, como aquela bem fantasiosa relatada em II LIX, 240, atinente a uma disputa amorosa entre Mêmio e Lúrgio: nela, supostamente, o primeiro mordera furioso o braço do segundo. No dia seguinte, encontrando-se muitas inscrições a conterem três letras “l” e duas “m” sobre os muros de Terracina, “palco” do ocorrido, Crasso perguntou a um ancião o que significavam, tendo obtido como resposta *lacerat lacertum Lurgi mordax Memmius* – “fere o braço de Lúrgio Mêmio mordedor”.

Ora, no tocante à comicidade despertada, no trecho que vínhamos comentando, pelo *praenomen Appius* – ou, em outros contextos semelhantes da mesma obra, pelas designações pessoais de mais algumas distintas

2007, p. 210]: Τὸ γὰρ γελοῖόν ἐστιν ἀμάρτημά τι καὶ αἰσχρὸς ἀνώδυνον καὶ οὐ φθαρτικόν – *Car le risible est un défaut et une laideur sans douleur ni dommage* (Aristote. *Poétique*. Texte établi et traduit par J. Hardy. Paris: Les Belles Lettres, 1990, p. 35) .

<sup>50</sup> Uma passagem do *De oratore* (II LX, 243) associa fortemente o risível das “coisas”/ assunto – não das “palavras” – ao modo difundido da *cauillatio*: *Ergo haec duo genera sunt eius ridiculi, quod in re positum est; quae sunt propria perpetuarum facetiarum, in quibus describuntur hominum mores et ita effinguntur, ut, aut re narrata aliqua, quales sint intellegantur aut, imitatione breuiter iniecta in aliquo insigni ad inridendum uitio reperiantur.* – “Portanto, esses são os dois gêneros daquele ridículo baseado no assunto, os quais pertencem às facécias contínuas. Neles os costumes das pessoas são descritos e são de tal modo representados, que, narrado algum fato, reconhece-se quais sejam eles ou, depois de feita brevemente uma imitação, ali se encontra algum vício marcante que nos leva à derrisão” [tradução de Ivan Neves Marques Júnior, *apud* Marques Jr., I. N. *O riso segundo Cícero e Quintiliano: tradução e comentários de “De Oratore”, livro II, 216-291 (“De ridiculis”) e da Institutio Oratoria, livro IV, 3 (“De risu”)*. Dissertação de mestrado inédita. São Paulo: FFLCH-USP, 2008, p. 53].

personagens –, o recurso produtor do risível trata-se da etimologia.<sup>51</sup> Segundo detalhe oferecido para o efetivo funcionamento deste recurso humorístico em *De oratore* (II LXXI, 288), ainda, como ela se enquadra no grupo engendrado pelas *palavras*, acarreta ridicularização mais sutil que a viabilizada pelas *coisas* (*quae plerumque, ut ante dixi, laudari magis quam rideri solent* – “quase sempre, como eu já disse, isso costuma mais ser elogiado que incitar ao riso”). Se nos perguntássemos, porém, qual o leve lastro humorístico a justificar tal etimologia, ver-nos-íamos deparados, além das reminiscências literárias da comédia para o público romano,<sup>52</sup> com uma mais enfática evidenciação das humildes origens do nome da personagem correspondente; na verdade, as abelhas, de cuja designação latina obviamente provém *Appius*, são, em que pese à sua “inteligência” e “saber técnico”, pelas palavras do próprio *De re rustica*, seres diminutos, e sua “grandeza” talvez não resistisse sequer a um punhado de pó, como fez ver Virgílio em passagem antológica das *Geórgicas*:

As próprias maiores soberbamente aladas  
se mesclam na refrega, e às hostes abaladas  
mostram ânimo grande em pequenino peito:  
inflama-se o valor; enraiva-as o despeito.  
Não n'as verão ceder, até que em fuga postas  
125  
as de um ou outro bando hajam voltado as costas;  
mas todo o guerrear de pronto se refreia,  
mal se lhes arroja um punhado de areia.<sup>53</sup>

<sup>51</sup> A etimologia foi não só instrumento de riso, mas, sobretudo, de conhecimento, para Varrão. Assim, ele abordara tecnicamente o tema em sucessivos livros do *De lingua Latina*, e não só a propósito da extração de efeitos humorísticos se etimologiza no próprio *De re rustica*, como demonstra a seguinte passagem da obra, de “sério” esclarecimento a um dado toponímico: III I, 6-7 – *Nec minus oppidi quoque nomen Thebae indicat antiquiorem esse agrum, quod ab agri genere, non a conditore nomen ei est impositum. Nam lingua prisca et in Graecia Aeolis Boeoti sine afflatu uocant collis tebas, et in Sabinis, quo e Graecia uenerunt Pelasgi, etiam nunc ita dicunt, cuius uestigium in agro Sabino uia Salaria non longe a Reate miliarius cliuus cum appellatur tebae.* – “Ainda, não menos o nome da cidade de Tebas mostra que o campo é mais antigo, pois pelo tipo do campo, não pelo nome do fundador, ele lhe foi posto. Com efeito, a língua antiga e os eólios da Beócia, na Grécia, chamam as colinas de *tebae* sem aspirar, e, entre os sabinos, para onde vieram da Grécia os pelasgos, ainda agora se fala assim; há um vestígio disso, no território sabino e na via Salária, não longe de Reate: um declive de uma milha ser chamado de *tebae*” (minha tradução). Sobre a ampla presença e uso epistemológico da etimologia no autor, cf. também Trevizam, M. A face gramatical de Varrão em “De re rustica” II. *Aletria*. Belo Horizonte, vol. XIX, n. 3, p. 89-101, 2009; Trevizam, M. A atenção de Varrão às palavras no livro III do “De re rustica”. *Humanitas*. Coimbra, vol. LXIII, p. 355-371, 2011; Blank, D. Varro and the epistemological status of etymology. *Histoire, épistémologie, langage*. Paris, vol. XXX, n. 1, p. 49-73, 2008.

<sup>52</sup> Cf. *supra* nota 37.

<sup>53</sup> Virgílio, *Geórgicas* IV, 82-87: *Ipsi per medias acies insignibus alis/ ingentis animos angusto in pectore uersant,/ usque adeo obnixi non cedere dum grauis aut hos/ aut hos uersa fuga uictor dare terga subegit./ Hi motus animorum atque haec certamina tantal pulueris exigui iactu compres-*

Por outro lado, oferecendo interpretações recentes ao legado varroniano do *De re rustica*, Leah Kronenberg permite cogitar que não só características de “singeleza” ou descomprometido riso transpareceriam a propósito do nexa entre Ápio e as abelhas: a fala de Mérula, na sequência imediata do diálogo, como que desvela certos “vícios” desses animais, nos quais ela crê poder distinguir críticas à própria sociedade romana, contraditoriamente acusada pela hipocrisia entre discursos valorizadores do coletivo e, na prática, a luta inescrupulosa pelo destaque individual.<sup>54</sup> Embora um abalizado erudito como Gian Biaggio Conte, assim, chegue a ver na obra antes o aquiescente *louvor* varroniano ao modo de vida tradicional das camadas privilegiadas daquela sociedade,<sup>55</sup> essa estudiosa põe-se na contramão das leituras costumeiras

*sa quiescent* [aqui, citado em tradução de A. F. de Castilho (Virgílio. *As “Geórgicas”*. Traduzidas e adaptadas por A. F. de Castilho. São Paulo: Heros, 1930)]. Ainda, apesar da decisiva focalização do *De re rustica* em tantas realidades, tantas vezes, banais, a esfera da sofisticação cultural adentra com força as linhas da obra, não podendo passar-se a segundo plano e favorecendo, parece-nos, chances de “concorrência” significativa entre distintas “vozes” ideológicas. Cf., por exemplo, requinte construtivo e de concepção de alguns ambientes rústicos focalizados na obra, cujo típico modelo corresponde ao famoso aviário varroniano de Casino. Em artigo recente [La volière cosmique de Varron à “Casinum” (Italie). *Revue des études anciennes*. Paris, tome CVIII, p. 229-312, 2006], Robert Étienne retomou o tema deste curioso espaço na obra de Varrão, atribuindo-lhe, mesmo, os significados pitagóricos de ser um templo do deus Mundo.

<sup>54</sup>. Cf. Kronenberg, L. *Allegories of farming from Greece and Rome. Philosophical satire in Xenophon, Varro and Virgil*. Cambridge: University Press, 2009, p. 125-126: *According to Appius, bees are gifted by nature with incredible ‘skill’ (‘ars’) and ‘natural talent’ (‘ingenium’) (3.16.3), They are social creatures, like people (3.16.4); (...) They have governments like men with a ‘king’ (‘rex’), ‘power’ (‘imperium’), and ‘society’ (‘societas’) (3.16.6), and they are completely devoted to their kings (3.16.8). They are industrious, hate the ‘lazy’ (‘inertes’) and keep out the drones (3.16.8). They live and sleep as if in army, sent out colonies, and obey the trumpet-like signal of their leader (3.16.9). In short, Appius presents the bees as an ideal political society and, in doing so, engages a long history of political thought that compared human and apian societies. (...) Appius does not, however, has the last word on the bees. Instead, he passes the torch on to Merula to talk about the profit that can be made from them since he knows that this is what Axius is dying to hear (3.16.9). Merula’s advice breaks the illusion of Appius’ ideal society: he includes instructions on how to stop ‘civil discord’ (‘seditiones’) among the bees by making sure that more than one king does not arise (3.16.18). (...) Later, he gives advice for preventing the stronger bees from imposing on the weaker ones and for stopping fights between bees (3.16.35). (...) While Appius presents the miraculous society of bees as if it were some divine manifestation of virtue, Merula presents the underlying truth: beneath the pious and moral exterior of bee society is self interest and survival of the fittest. While the greed bees’ self-serving instincts lead them to form a complex, ordered society, this society is not without its fault-lines, and it seems to be constantly driven by conflicts of interest within the group. Thus, just as Axius had revealed the hypocrisy of Appius’ moralizing about villas, so Varro (through Merula) more subtly reveals the hypocrisy of his idolization of bee society. More importantly, Varro has a chance to show that it is not just the corrupt state of the Late Republic that is imperfect; political society, even in its ideal form as an ‘imago naturae’, is based on self-interest and greed.*

<sup>55</sup>. Cf. Conte, G. B. *Latin literature. A history*. Translated by Joseph B. Solodow, revised by Don Fowler and Glenn W. Most. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1994, p. 218-219: *Understandably, the true purpose of the work is to present a satisfactory*

que sobre ela se fizeram, de modo, mesmo, a invertê-las para o viés de uma encoberta, mas acerba *reprovação*: tudo se passaria como se, em vez do engajamento dos cidadãos na vida pública, como preconizado pelo *mos maiorum*, o autor, neste trecho, enfim dissesse mais justo o retiro na esfera privada da existência.<sup>56</sup> Em que pese ao caráter altamente interpretativo das análises de Kronenberg, lembramos aqui o fato do completo alheamento de Varrão aos

*picture of himself to the country gentleman, who is eager to behold a dignified, comfortable model of life well realized rather than to learn the minute techniques that are necessary to work the land productively and to look after the raising of animals; the slaves and their superintendents are there to deal with the mud of the fields and the oppressive fumes of the stalls. Thus, not intended (except superficially) for the practical instruction of the steward, but written rather to foster and gratify the ideology of the rich landowner, the "De re rustica" in a way estheticizes the farmer's life.* Para outra visão de Varrão ideologicamente "alinhado", cf. clássico estudo de Della Corte (*Varrone. Il terzo gran lume romano*. Genova: Pubblicazioni dell'Istituto Universitario di Magistero, 1954, p. 27: *Rispettava il 'mos maiorum', e pretendeva che lo rispettassero anche gli altri, gli insolenti tribuni del suo tempo*).

<sup>56</sup> Algumas explicações, aqui, fazem-se necessárias: adotando o inusual critério literário de atribuir o estatuto de "sátiras menipeias" não só ao *De re rustica*, mas, ainda, ao *Econômico* de Xenofonte e às *Geórgicas* virgilianas, Kronenberg o justifica pelo traço comum do tema agrário "alegorizado" e da ironia a unir os três textos, explicando-nos que esse gênero, pouco definido (embora reconhecido) desde a Antiguidade, envolveria *both humor and philosophy*, e que se caracterizaria "pela presença da paródia da filosofia, ou das ortodoxias predominantes, ou daqueles que asseveram ser conhecedores"; além disso, nota o caráter "destrutivo" deste gênero satírico, dadas suas raízes no contestador cinismo (*I would argue that this tradition of destructive, not constructive, satire, which gives voice to traditional beliefs or professional dogma only to subvert them through techniques of irony and parody, informs the 'Oeconomicus', the 'De re rustica', and the 'Georgics', even if they do not fulfill all the formal features of the genre as it has been variously defined over the centuries. — op. cit., p. 6*). Em seguida, já pronunciando-se sobre características do *De re rustica*, acredita que a obra subverte as visões tradicionais (presentes, por exemplo, na sátira e na comédia) sobre o campo e a agricultura como lugares da moralidade por "denunciar", conforme posições que julga imputáveis a Varrão, que esses apenas se consideraram "bons" em Roma na medida em que satisfizeram a cobiça humana por bens *materiais* e poder (à semelhança do engajamento político); mesmo os deuses e a religião rural, nesse sentido, submeteram-se à geral instrumentalização de tudo com vistas a propiciar o enriquecimento (*op. cit., p. 97*). Ainda, lembra haver, no livro III (bem como em outras partes da obra), aproximações frequentes entre seres humanos e animais – como na passagem metafórica supracitada (cf. *supra* nota 47) de III II, 2 –, o que lhe faculta propor que, aqui, quando se fala dos "irracionais", muitas vezes se fala de nossa própria espécie. Existindo, então, dois tipos de viveiros mencionados em *De re rustica* III, o de Varrão, carregado de simbolismos intelectuais (pois sua forma, até, imita uma tabuleta de escrita – III, V, 10) e feito *causa delectationis*, e o de Mérula, com vistas ao ganho, associar-se-iam em seu funcionamento a dois modos de vida *humanos*, o contemplativo e o "engajado"; no segundo viveiro, por fim, a crítica acredita que se mostrem mais tolhidas as aves, algo não tão perceptível no primeiro, como se trocassem sua vida e liberdade por comida e outros "benefícios materiais" (*op. cit., p. 124*). Para Kronenberg, a passagem sobre a apicultura do livro III continuaria tais críticas de Varrão ao modo de vida "engajado", ou identificado com a trilhagem do *cursus honorum*, na medida em que, por exemplo, Cícero aludira à sociedade das abelhas como modelo ideal para a humana em trecho, propriamente, perdido de *De re publica* II (*op. cit., p. 125*) e, em *Fam.* 9.2.5, encorajara Varrão a empenhar-se com ele na escrita e leitura de

*negotia* depois da derrota dos pompeanos em Farsália, entre os quais ele mesmo se encontrava.<sup>57</sup>

Dessa forma, se aceitarmos o conjunto de procedimentos analíticos adotados por ela, também pesaria sobre Ápio a falha da hipocrisia, da qual, contudo, faz-se antes “porta-voz” social do que isolado praticante. Resta ainda dizer que, neste caso, a ridicularização opera não pela via etimologizante ordinária de associar-se o alvo a um *objeto*, de alguma maneira, constrangedor (caso típico do acima citado, no *De oratore*, a propósito de *nummus* como origem do nome próprio do desonesto *Nummius*), mas, sobretudo, a um tipo de fala, o qual se vincula, irremediavelmente, a um tipo de vida, aquele do homem com sólidos compromissos políticos na Cidade.<sup>58</sup> Nesse sentido, equivale a um mais duro e profundo desnudamento ter Mérula indiretamente apontado, bem além do divertido jogo de palavras a que antes se submetera o próprio Ápio, em que de fato consiste a natureza de tais “cidadãos-abelha”...

Mas, como se ressaltava para aspecto distintivo da “literariedade” do *De re rustica* o da *uariatio*, fazemos agora, enfim, notá-la mais resumidamente no plano das sucessivas “ambiências” de cada livro da obra. Por “ambiência”, bem se lembram seus leitores, não se deve entender a simples troca do espaço físico a abrigar, a cada vez, as respectivas interlocuções rústicas uma a uma conduzidas;<sup>59</sup> se assim o entendêssemos, na verdade, bastaria mencionar que o primeiro diálogo, agrícola, ocorre no templo da deusa Terra/ *Tellus* na data festiva das *Feriae Sementivae*; o segundo, por uma provável mutilação do texto, em local para nós indefinido;<sup>60</sup> o terceiro – da *uillatica pastio* –, por mais uma concessão varroniana aos jogos de palavras, na *Villa publica* da cidade de Roma, espaço destinado, em circunstâncias distintas, a acolher o recenseamento dos cidadãos ou outros eventos cívicos.<sup>61</sup>

obras políticas; derradeiramente, Ápio, entusiasta apresentador da “politizada” (mas também violenta e, talvez, por demais competitiva) sociedade das abelhas, criticara (com hipocrisia, para Kronenberg), no início do capítulo segundo do livro III do *De re rustica*, o luxo da casa de campo de Ápio situada em Reate, louvando, em vez disso, a frugalidade e o utilitarismo “ancestral” da *Villa publica*, cenário de desenvolvimento completo deste terceiro diálogo.

<sup>57</sup> Boissier, G. *Étude sur la vie et les ouvrages de M. T. Varron*. Paris: Hachette, 1861, p. 18-19: *Après Pharsale Varron n'hésita plus; il comprit que toute résistance était impossible et qu'il fallait se soumettre. (...) La vie active lui était interdite, mais il lui restait la vie de loisir, comme il disait, c'est-à-dire l'étude des lettres.*

<sup>58</sup> O próprio áugure Ápio Cláudio desempenhou cargos na vida pública romana, embora nem sempre de maneira honesta (cf. Kronenberg, *op. cit.*, p. 103: *Appius Claudius is a perfect character to symbolize hypocritical moralizing: as augur and censor, he is the representative of Roman morals, and as a wealthy politician plagued with scandals both personal and political, he is also a representative of the hypocrisy of such moralistic stances*).

<sup>59</sup> Cf. Trevizam, *op. cit.*, 2006, p. 93-94.

<sup>60</sup> Cf. Trevizam, *op. cit.*, 2010, p. 235-236.

<sup>61</sup> Esse edifício de serventia comum, situado no Campo de Marte, em Roma, e destinado a muitos usos estatais, como a contagem dos cidadãos nos censos e a acolhida dos embaixado-

Trata-se, em vez de algo tão simples, de reunir, em conformidade com cada grande área da economia rural antiga, um conjunto harmônico de elementos a contribuir para a feitura de três livros internamente dotados de coerência seletiva nos vários planos que os constituem. O desenvolvimento mesmo dos assuntos agrícolas, pecuários ou da pequena criação nas imediações da *uilla rustica* já colabora para tal efeito com a “cenografia” estrita, citada há pouco, a onomástica também pensada para gerar peculiares colorações e outros eventuais recursos, como introduzir mitos, por exemplo, “pecuários” bem ao livro II da obra...<sup>62</sup>

Devemos ressaltar que esse caráter individualizado de cada livro do *De re rustica* se encontra, em que pese à constante manutenção do mesmo princípio básico para transmitir os preceitos agrícolas ou de outro tipo, ainda em evidência pelo teor delimitador e de abertura específica dos prólogos/ *praelocutiones*:<sup>63</sup> sob o ponto de vista dos dedicatários aí presentes, Fundânia, a esposa de Varrão, corresponde àquela do primeiro; no segundo, tem-se, para os mesmos efeitos, Turrânio Níger; no terceiro, enfim, Pínio, um amigo e vizinho do autor. Também, o motivo da dedicação inicial a Fundânia – cujo nome evoca o próprio assunto desenvolvido depois no livro sob seu “patronato”, o cultivo, pois *fundus*, em latim, é a propriedade agrícola – diz respeito, coerentemente, a ter ela recém-adquirido terras e, portanto, interessar-se de maneira prática pelo assunto; aquele da dedicação do segundo corresponde, pela letra mesma do *De re rustica*, a ter Turrânio certo “gosto” pelo gado; o do terceiro a Pínio, por sua vez, assim é explicado em endereçamento ao próprio:

Com efeito, tendo tu uma casa de campo digna de admiração pelas obras de estuque, pelas emoldurações em madeira e pelos famosos pisos de mosaico, e pensando valer pouco, se ainda as paredes não estivessem ornadas com teus escritos, eu também te enviei isto para que ela possa, à medida de meu alcance, tornar-se mais ornada com os rendimentos, tendo-me lembrado das conversas que tivemos a respeito da perfeita casa de campo (minha tradução).<sup>64</sup>

res estrangeiros, tivera sua construção terminada em 318 a.C., segundo notícia do historiador romano Tito Lívio (*Ab Vrbe condita* IV, 22 7).

<sup>62</sup> Cf. Trevizam, M. Religião romana nos livros iniciais do “De re rustica” varroniano. *Nuntius Antiquus*. Belo Horizonte, n. 4, p. 63-64, 2009.

<sup>63</sup> Sobre aspectos compositivos gerais dos prefácios de Varrão no *De re rustica*, cf. Scivoletto, N. Le “praelocutiones” di Varrone nei “Rerum Rusticarum Libri”. In: Santini, C.; Scivoletto, N. (org.). *Prefazioni, prologhi, proemi di opere tecnico-scientifiche latine*. Roma: Herder, 1992. Vol. II, p. 733-747.

<sup>64</sup> *De re rustica* III, I, 10: *Cum enim uillam haberes opere tectorio et intestino ac pauimentis nobilibus lithostrotis spectandam et parum putasses esse, ni tuis quoque litteris exornati parietes essent, ego quoque, quo ornator ea esse posset fructu, quod facere possem, haec ad te misi, recordatus de ea re sermones, quos de uilla perfecta habuissimus.*

Seja pela escolha e *mise-en-scène* de personagens sempre à hábil escolha do autor, seja pela particularização já de pronto dada a cada membro dos diálogos *rerum rusticarum* varronianos pelas respectivas *praelocutiones*, sob formas de todo afins a enriquecer o urdume textual e a fazer-lhe variar as tramas, interna ou, sobretudo, externamente a particulares livros, parecem-nos manifestar-se neles possíveis aspectos de “literariedade”. Levezas expositivas à parte, todavia, há que se ter em mente, para uma mais correta leitura do texto, a indissociabilidade entre os eventuais efeitos literários criados e sua função prática de informar: na verdade, impossível seria que essa última não fosse de algum modo, *potencializada* pelo que há de bem construído ou, até, sedutor na obra.<sup>65</sup>

## METAMORFOSES DO DIÁLOGO NO CATO MAIOR, DE CÍCERO, E O CUIDADO DA MIÚDA ELABORAÇÃO FORMAL

Uma visão geral sobre o diálogo ciceroniano identificado com o *Cato Maior* permite-nos, sem dificuldade, notar várias diferenças em sua estrutura quanto ao que se observa no outro texto que vimos comentando: primeiramente, não nos encontramos, aqui, diante de uma obra sobre técnica agrária. Trata-se, antes, de um dos escritos filosóficos<sup>66</sup> de Cícero em forma dialógica, moral e praticamente comprometido com preceituar aos dois fictícios interlocutores – Cipião Emiliano e Lélío –, ou, com mais realismo, a todo efetivo leitor de suas linhas, sobre alguns caminhos para uma mais ditosa “velhice”.<sup>67</sup>

<sup>65</sup>. Cf. Trevizam, *op. cit.*, 2006, p. 92.

<sup>66</sup>. Apenas a título de uma rememoração sumária, elencando os escritos filosóficos ciceronianos em sua sequência, segundo estabelecida por M. Ruch em *Le prooemium philosophique chez Cicéron*, J.-M. André oferece-nos a seguinte listagem progressiva: 46- Éloge de Caton/ *Paradoxa*; 45- février: *Consolatio* (inspirée par la mort de Tullia); 45- mai à juillet: *Academical Academica prior/ Academica posteriora*; 45- fin juin: *De finibus*; 45- juin à août: *Tusculanes* traduction du *Timée* de Platon; 45- août: *De natura deorum*; 44- peu avant ou après Ides de mars: *Cato Maior*; 44- autour de Ides de mars: *De diuinatione*; 44- avril-mai: idée du *De fato*; 44- été: *Laelius De amicitia*, *De gloria*; 44-43- automne-hiver: *De officiis* (*La philosophie à Rome*. Paris: Presses Universitaires de France, 1977, p. 54-55). Para uma descrição esquemática do *Cato Maior* em si, cf. MacKendrick, P. *The philosophical books of Cicero*. London: Duckworth, 1989, p. 205-212. Ali, o crítico explica estruturar-se a obra com um prólogo (1-14) seguido de uma *partitio* (15a), em que se apresentam quatro queixas contra a velhice, de uma *refutatio* quadripartida (15b-26: rejeição à velhice como afastamento da vida ativa; 27-38: rejeição à velhice como decrepitude física; 39-66a: rejeição à velhice como privação do prazer; 66b-85a: rejeição à velhice como triste preâmbulo da morte) e de uma *peroratio* (85b).

<sup>67</sup>. Sobre certa inconsistência do conceito de “velhice” no *Cato Maior*, cf. Venini, P. La vecchiaia nel “De senectute” de Cicerone. *Athenaeum*. Pavia, vol. XXXVIII, p. 100-101, 1960: *Che cosa Cicerone intende per vecchiaia? Interessa anzitutto al riguardo un passo della dedica ad Attico: parr. 2 “hoc enim onere, quod mihi commune tecum est, aut iam urgentis aut*

O interlocutor invariavelmente escolhido para transmitir os saberes na ficção do diálogo corresponde agora a um imaginário Catão, o Velho, porém reformulado quanto ao que sabemos dele por alheios testemunhos antigos ou por suas obras remanescentes: ele passa, neste texto, do frio expositor das técnicas rurais do *De agri cultura* a apreciador da natureza;<sup>68</sup> de responsável pela expulsão de uma embaixada de filósofos gregos em Roma, no ano de 155 a.C., a, em pessoa, sutil expositor de filosofia;<sup>69</sup> de um romano “à antiga” e, até certo ponto, avesso às inovações culturais do helenismo, a frequentíssimo disseminador intertextual de autores gregos em sua fala;<sup>70</sup> também, a “tradutor” de conhecido passo do Xenofonte do *Econômico*.<sup>71</sup> Nesse traço de decisiva concentração do saber nas mãos de uma só personagem, por sinal, encontramos mais um ponto de divergência entre a configuração dialogal do *Cato Maior* e do *De re rustica*, em que, como vimos, a regra era a repartição dos conteúdos entre interlocutores, muitas vezes, capazes de trazer os aportes da diferença para o corpo da obra; sob o aspecto da *dispositio*, ainda, constitui decisiva marca da monopolização da fala técnica por Catão o fato de que, a partir de III, 7, atendendo a um pedido de Lélío, ele passe a ser o único a

*certe aduentantis senectutis, et te et me etiam ipsum leuari uolo*. Poiché l'Autore, nato nel 106, all'epoca di composizione del dialogo (44 a.C.) aveva sessantadue anni, e Attico, di quattro anni più anziano, ne aveva sessantasei, la decorrenza della “senectus” appare più o meno riportata al normale traguardo dei sessant'anni. Ma vi è poi un passo (parr. 60) in cui l'A. così si esprime: “cuius (= M. Valerio Corvino) inter primum et sextum consulatum sex et quadraginta anni interfuerunt; ita, quantum spatium aetatis maiores ad senectutis initium esse uoluerunt, tantus illi cursus honorum fuit”. Qui l'inizio della “senectus”, identificata con la “seniorum aetas”, è fissato ai quarantasei anni, cioè all'anno che segnava il passaggio dalle centurie degli “iuniores” a quelle dei “seniores”. Coesistono dunque entro il medesimo dialogo due diverse concezioni della vecchiezza; di qui si ingenera nel corso del dialogo stesso il sovrapporsi di due piani distinti, che dà luogo a ripetute confusioni e contraddizioni.

<sup>68</sup> Cf. de Saint-Denis, E. Caton l'ancien vu par Cicéron. *L'information littéraire*. Paris, année VIII, n. 1, p. 93-100, 1956.

<sup>69</sup> Cf. De Caria, F. Cicerone “Cato Maior” 6-8 e Platone “RSP”. 328e-330a. *Vichiana*. Napoli, fasc. I-II, p. 219: È stato detto che uno scritto antico sulla vecchiezza che non contenga un influsso del passo di Platone “RSP”. 328e-330a. è inconcepibile: Cicerone si inserisce bene in questa ‘tradizione’ degli scritti περὶ γήρωσ col suo “Cato Maior”, opera di cui i parr. 6-8 sono una diretta ripresa del passo platonico in questione.

<sup>70</sup> Para um “mapeamento” das fontes gregas (Xenofonte, Aristóteles de Tarento, Isócrates, Heródoto, Platão...) de Cícero no *Cato Maior*, cf. o anexo I (Les sources de Cicéron pour le “Cato Maior”), redigido por Jean-Noël Robert para este mesmo diálogo (*apud* Cicéron. *De la vieillesse*. Texte établi et traduit par Pierre Wullemier, introduction, notes et annexe de Jean-Noël Robert. Paris: Les Belles Lettres, 2003, p. 99-103).

<sup>71</sup> Trata-se da visita do general espartano Lisandro ao jovem Ciro, príncipe da Pérsia, num belo horto, o *parádeisos* [*Econômico*, IV, 25: Δικαίως μοι δοκεῖς, ὦ Κύρε, εὐδαίμων εἶναι· ἀγαθὸς γὰρ ὦν ἀνὴρ εὐδαίμωνεῖς - “Com justiça, ó Ciro, pareces-me ser feliz: pois, sendo homem de valor, és feliz” (minha tradução); cf. também, para a versão latina, *Cato Maior*, XVII 59: *Rite uero te, Cyre, beatum ferunt, quoniam uirtuti tuae fortuna coniuncta est*].

quem se concede a voz para transmitir, exemplarmente, a própria experiência de homem vivo.<sup>72</sup>

Apesar do caráter monopolizado da exposição filosófica – e, inclusive, sem interrupções ao fictício Catão a partir do momento do início desta sua fala –, sensível variação expositiva<sup>73</sup> ainda haveria, num plano de leitura intertextual, caso se considerassem em conjunto, especificamente, apenas o que ele diz aqui sobre as atividades ou prazeres do campo e a iniciativa prévia de escrita técnica do verdadeiro autor do *De agri cultura*. Referimo-nos a tal possibilidade de leitura pois a figura de Catão, de todo conhecida sob diversa coloração e, por

<sup>72</sup>. Cf. Coleman-Norton, P. R. Resemblances between Cicero's "Cato Maior" and "Laelius". *The Classical Weekly*. New York, vol. XLI, n. 14, p. 211, 1948: *The "De Senectute" is a better example of the Aristotelian dialogue than is the "De amicitia", for in the former after par. 8 Cato's presentation of old age proceeds uninterruptedly to the end of the essay and in the latter the discussion of friendship, begun by Laelius in par. 17, is broken by observations from his auditors in par. 25, 32, 33.*

<sup>73</sup>. Por outro lado, os comentadores por vezes relataram a "intromissão" de elementos como que estranhos ao argumento principal a cada vez desenvolvido [cf. Robert, J.-N. Introduction. In: Cicéron. *De la vieillesse*. Texte établi et traduit par P. Wuilleumier, introduction, notes et annexes de Jean-Noël Robert. Paris: Les Belles Lettres, 2003, p. XXIV: *L'apparence peu formelle de la conversation se traduit par un certain nombre de renvois, de répétitions, d'associations d'idées, de digressions (signalés dans les notes). L'ensemble paraît peu rigoureux et Cicéron l'a certainement voulu ainsi. Cependant, la discussion se construit clairement autour de quatre griefs faits à la vieillesse, que Caton réfute l'un après l'autre.*] Alfonsi, L. La composizione del «De senectute» ciceroniano. In: *Studi in onore di Salvatore Santangelo. Sicularum Gymnasium: rassegna della Facoltà di Lettere dell'Università di Catania*. Catania: Biblioteca della Facoltà di Lettere e Filosofia, 1955, p. 440: *Segue poi dal capitolo XII al capitolo XIX la 'tertia uituperatio senectutis'. È il centro dell'opera e l'accusa che occupa la maggior parte della discussione, anche arricchita di molteplici digressioni e variazioni, che al solito hanno fatto parlare di composizione 'relâchée' (Wuilleumier, pag. 77). Ma qui Cicerone sentiva di dover più caldamente difendere la vecchiaia da una accusa che si presentava profondamente giustificata, senza contare che il suo stesso sentimento, la costante sua avversione all'epicureismo davano particolare calore alla discussione*]. Quando, pois, apesar de sempre *ela mesma*, a personagem de Catão faz excursos, varia à sua maneira um modo expositivo não de todo cerrado. A própria passagem acima citada na nota 71, da visita de Lisandro ao príncipe da Pérsia (*Cato Maior*, XVII 59), razoavelmente longa em sua totalidade, pode assim ser considerada, acrescentamos: previamente (XVII 58), a propósito dos prazeres da agricultura para o ancião, Catão pronunciara-se das alegrias simples possíveis em tal fase da vida, como aquecer-se ao fogo no inverno ou refrescar-se à sombra no verão; depois, em XVII 60, juntou *Hac igitur fortuna frui licet senibus* – "de tal sorte, pois, é aos anciãos dado aproveitar", antes de mencionar a velhice ativa de Marco Valério Corvino, cultivador até os cem anos, segundo tradições agregadas em torno de seu nome. Ora, a facilidade de relacionar *imediatamente* o encontrado em XVII 58 com o encontrado em XVII 60 nos permite pensar no episódio que se relata como uma passagem digressiva, na medida em que, ainda, intercala-se a algumas exemplificações "consolatórias" e a outros modos de conduzir o discurso que também não têm nexos com o narrar... uma narrativa resumida, talvez destacável do todo sem graves danos ao fluxo argumentativo.

vezes, venerada na Antiguidade latina,<sup>74</sup> decerto não passaria despercebida ao público romano como curiosa “condutora” também deste diálogo de Cícero.

74. Em artigo fundamental para o entendimento das nuançadas imagens que a Antiguidade nos legou dessa personagem lendária [Agache, S. Caton le Censeur, les fortunes d'une légende. In: Chevallier, R. (org.). *Colloque histoire et historiographie. Clio*. Paris: Les Belles Lettres, 1980, p. 71-107], Sylvie Agache percorre vasta e detalhada documentação a fim de apresentar-nos as tantas faces catonianas: mostrado por Plutarco como figura histórica a consolidar a própria (boa) fama sobretudo por seu modo de vida (*Cato Maior* 4, 1), associou-se ainda à temperança (Políbio, 31, 25), à tenacidade (Tito Lívio, 39, 40, 11), à abnegação no serviço à república (*Verrinas* II, 3, 209-210)... O “aspecto simples, concreto, coerente dessas imagens de Catão”, observa em seguida (*op. cit.*, 1980, p. 77), contribuiu para assegurar-lhes popularidade e vasta difusão no tempo; se Ênio já o celebrara, relata o testemunho de Cícero (*Pro Archia* 22), coube, porém, a seu descendente, Catão Uticense, a fossilização simplificadora de uma personalidade, de fato, mais complexa (*Pro Murena* 66); mesmo a tradição escolar dos *retoricos* e *grammatici*, por sua vez, incorporando-o ao fundo-comum dos *exempla*, contribuiu para fixá-lo como modelo de vida (*op. cit.*, 1980, p. 79). Nos escritos mesmos de Catão, por outro lado, ele se encarregou de moldar a própria imagem (*op. cit.*, 1980, p. 81ss.): em obras como o *Carmen de moribus*, os *Libri ad filium* e o *De agri cultura*, pois, legou-nos traços “pessoais” de pragmatismo educativo, ciosa vinculação ao *mos maiorum* e de multiplicidade de interesses e habilidades. Sobre o *De agri cultura*, mesmo que a Idade Média o tenha “esquecido” e, na própria Antiguidade, Varrão já desprezasse algumas receitas *de bonne femme* (*op. cit.*, 1980, p. 87) que ali se encontram, Columela e Plínio, o Velho, atribuem-lhe empregos centrais nas obras agrícolas que escreveram. Por outro lado, Cícero o considera, no *Brutus* (61), o primeiro orador romano digno de menção, afirmando a própria admiração pelo estilo catoniano dos discursos (298); em tempos subsequentes, Salústio, os imperadores Adriano e Marco Aurélio, Frontão e Aulo Gélíio manifestaram influência estilística ou fascinação por Catão escritor (*op. cit.*, 1980, p. 91-94); não se pode também olvidar a célebre definição do orador que ele legou aos pósteros *uir bonus, dicendi peritus* (*Institutio oratoria* XII 1, 1). Tais devotados “seguidores”, no entanto, não foram a unanimidade absoluta, já que Agache se lembra de uma certa tradição epigramática detratora de sua personalidade [*op. cit.*, 1980, p. 98: *Roux, les yeux pers, et prompt à mordre, Porcius, mort, n'est pas admis aux enfers par Perséphone* (Plutarco, *Cato Maior* 1, 4)], a qual relaciona a consequências de suas polémicas contra os analistas romanos. Sob o ponto de vista político, acrescenta, a predileção de Cícero por Catão não é sem motivos, pois, no fim da vida do primeiro, *cultiver la mémoire du Censeur devient un moyen de protester contre une époque qui renie les valeurs de sa tradition* (*op. cit.*, 1980, p. 99); além disso, *homo nouus* como o arpinate, necessitou também habilmente negociar entre suas origens e o interesse da *nobilitas*. Original guardião das raízes de Roma nas *Origines*, em que insiste em atribuir os feitos não aos generais, mas a um coletivo “povo romano”, foi “nacionalista” sem, no entanto, deixar de tirar cauteloso proveito dos bens da cultura grega (*op. cit.*, 1980, p. 104); mas isso, no entanto, não minora ou elimina a desconfiança que sempre teria nutrido pelo povo grego em si, *nequissimum, indocile genus* (Plínio, *Naturalis Historia* 29, 14). Derradeiramente, para Agache, a noção de “ganho piedoso” que se esboça no *De agri cultura* – *pius* porque agrícola, mas sem deixar de fazer concessões aos novos tempos da economia itálica do pós-Guerras Púnicas, que tornou insustentável o velho modelo do *pater familias* com suas mãos envolvido na lida campesina – não expressa “cinismo”, mas a conciliação de interesses estatais e privados, pois *s'enrichir par la terre est un devoir moral, social et politique* (*op. cit.*, 1980, p. 106). Cf. ainda, sobre a figura de Catão, Robert, J.-N. *Caton ou le citoyen*. Paris: Les Belles Lettres, 2002; Pimentel, C. S. *Catão Censor*. Lisboa: Inquérito, 1997; Della Corte, F. *Catone Censore. La vita e la fortuna*. Firenze: La Nuova Italia Scientifica, 1969.

O papel de semelhante ícone da cultura latina, ao dominar como desta feita uma obra inserida nos escritos morais ciceronianos, na verdade, revestiu-se de funções francamente *exemplares*,<sup>75</sup> no sentido antigo da palavra: *exempla maiorum*, para os romanos, era o repertório mnemônico de ditos e, sobretudo, atos dos ancestrais, comprometidos com os austeros valores pátrios.<sup>76</sup> Portanto, a personagem de Catão, da juventude à velhice associada por certas tradições ao serviço a Roma,<sup>77</sup> afim aos traços da tenacidade, do esforço e do apego à velha moral, harmoniza-se *renovada* com os propósitos almejados neste diálogo por lograr, como poucos, ficcionalmente encarnar um velho homem ativo e senhor de sua vida até o termo.<sup>78</sup>

Assim sendo, consideramos difícil que se pudesse, dados os fins da obra (construir, consolatoriamente, uma imagem modelar da velhice), privilegiar

<sup>75</sup>. Cf. Coleman-Norton, *op. cit.*, p. 210-211: *A final point concerning the characters of the dialogues comes from the Roman tendency to idealize the past and to praise the men of a by-gone age. This type of discourse, based on the influence of men of old times and especially of those who were illustrious, seemed in some way to have greater dignity ("Laelius" 4). Cicero explains to Atticus that he assigned the discussion of old age to the old man Cato, that the speech might have more weight and because no other person seemed more suitable to talk about that period of life than he who both for a very long time had been old and in that very old age had flourished beyond all other men ("Laelius" 4), while he gave the presentation of friendship to Laelius, on the ground that, since the intimacy of Scipio and Laelius was most noteworthy and because Laelius was distinguished by a glorious friendship, he appeared to be a person fit to expound views of friendship.*

<sup>76</sup>. Na verdade, lidamos neste terreno com construções ideológicas, sendo ingênuo atribuir aos romanos dos “áureos” tempos republicanos, na prática, invariáveis associações com comportamentos meramente sisudos. Assim, Plutarco acrescenta, a propósito da anedota da expulsão do senador Manílio (*Cato Maior* XVII, 7) por abraçar a esposa diante da filha, durante a censura de Catão, ter esse último dito jamais o fazer, a não ser quando trovejava... e que se agradava quando trovejava (Kamm, A. *The Romans. An introduction*. London/ New York: Routledge, 2008, p. 22). Ainda, num âmbito social como o das festividades, Jean-Noël Robert lembra o teor “transgressivo” das Saturnais de fins de dezembro, quando, em espécie de inversão da ordem reinante, *Des chants fusent des maisons, des danses s'improvisent. L'ivresse, l'orgie, les jeux de hasard... tout est autorisé. Beaucoup des citoyens eux-mêmes, abandonnent la toga pour revêtir la tunique large et confortable des festins. (...) Les rôles sont renversés: les maîtres servent à table leurs esclaves et mangent avec eux, car c'est surtout le repas qui tient une grande place (Les plaisirs à Rome*. Paris: Petite Bibliothèque Payot, 2001, p. 92-93). Desse modo, se fatores como o autocontrole, a frugalidade e o senso do dever decerto integraram valorizados o *mos maiorum*, esse não foi impermeável a admitidas “brechas”... mesmo ao prazer.

<sup>77</sup>. Cf. *supra* nota 74.

<sup>78</sup>. Em comemoração de alguns pontos-chave da trajetória vital de Catão, nasceu em Túsculo em 234 a.C. da *gens* plebeia *Porcia*, tendo-se dedicado, na casa paterna, aos trabalhos do campo. Depois soldado e orador provincial, aos 24 anos tornou-se tribuno militar na Sicília; aos 31, edil da plebe; aos 36, pretor da Sardenha; aos 39, cônsul; aos 50, censor; também se contam, entre seus gestos, a oposição aos helenizantes Cipióes (Della Corte, *op. cit.*, 1969, p. 18ss.), as campanhas contra os nativos revoltosos nas Espanhas (entrada triunfal em Roma em 194 a.C.) e o rei sírio Antíoco, nas Termópilas (Robert, *op. cit.*, 2002, p. 144ss.). Robert, ainda, lembra que o último grande combate político do Censor foi incitar o senado à terceira Guerra Púnica contra Cartago, com o dito *Carthago delenda est* (o cerco de 149 a.C. – *op. cit.*, p. 376).

no *Cato Maior* a comicidade<sup>79</sup> difusa no *De re rustica*: como explica Parkin, a obra se inscreve em certa tradição filosófica grega, a do Περὶ γήρως, assumindo propósitos *mitigadores*<sup>80</sup> quanto à idade do autor e a de Ático, seu amigo e dedicatário do diálogo;<sup>81</sup> além disso, segundo costumes relatados por Cícero como integrantes da cultura romana ou externa, aos mais velhos em princípio caberia investir-se da *auctoritas*, ascendência e prestígio social impregnados de reverência.<sup>82</sup> Mas, temos visto, procede-se aqui a importante “amaciamento” do caráter do Censor; essa estratégia construtiva, por sinal, se distancia em parte o Catão fictício de contornos, talvez, mais próximos de sua historicidade,<sup>83</sup> opera por bem do que nos parece corresponder a uma maior dignificação da personagem, no sentido de que, no estágio da cultura romana no qual se vivia durante a composição do texto e, ainda, sob as mãos de um *humanus* e letrado Cícero, proveitoso seria algum *aggiornamento* de perspectivas com vistas a evitar, em proposição de posturas éticas a serem idealmente *seguidas*, o espanto dos leitores diante de quaisquer excessos da rudeza ou do arcaísmo.<sup>84</sup>

<sup>79</sup> Cf. Agache, S. Construction dramatique et humour dans le «Traité d'agriculture» de Varron. In: Trédé, M.; Hoffmann, P. *Le rire des anciens. Actes du colloque international (Université de Rouen, École Normale Supérieure, 11-13 janvier 1995)*. Paris: Presses de l'École Normale Supérieure, 1998, p. 209.

<sup>80</sup> Cf. Parkin, T. G. *Old age in the Roman world*. Baltimore/ London: The Johns Hopkins University Press, 2003, p. 64-65: *While following a Greek tradition that he admired greatly, Cicero did more than just produce a polished exercise (and it needs to be remembered that this is above all a work of literature, not a social document). He also sought to provide real 'consolatio' for his own age, upset and almost overwhelmed as he was at the time by personal worries and political uncertainties.*

<sup>81</sup> Então (44 a.C.), o primeiro contaria 62 anos e o segundo 65.

<sup>82</sup> *Cato Maior* XVIII 63: *Quin etiam memoriae proditum est, cum Athenis ludis quidam in theatrum grandis natu uenisset magno consessu, locum nusquam ei datum a suis ciuibus; cum autem ad Lacedaemonios accessisset, qui, legati cum essent, certo in loco consederant, consurrexissent omnes illi dicuntur et senem sessum recepisse; quibus cum a cuncto consessu plausus esset multiplex datus, dixisse ex iis quendam Atheniensis scire quae recta essent, sed facere nolle.* – “E, além disso, foi-nos transmitido, tendo nos espetáculos de Atenas ido um ancião ao teatro em meio a grande afluência, em parte alguma ter-lhe sido dado um lugar pelos concidadãos; mas, aproximando-se de espartanos que, sendo embaixadores, postaram-se em lugares fixos, diz-se que todos eles levantaram e acolheram assentado o ancião; recebendo esses, da plateia inteira, reiterados aplausos, falou um deles que os atenienses sabiam o certo, mas não queriam fazê-lo” (minha tradução).

<sup>83</sup> Cf. Narducci, E. Il “Cato Maior”, o la vecchiezza dell’aristocrazia romana. *Quaderni di storia*. Bari, anno VIII, n. 16, p. 129, 1984a: *In generale, poi, il carattere di Catone appare addolcito e ammansito: il rude agricoltore della Sabina, sempre fiero delle origini campagnole, e caparbiamente attaccato ai propri profitti, ha ceduto il posto a un raffinato cultore della ‘humanitas’ e della socievolezza, che, con una punta di estetismo, arriva perfino ad anteporre il bello all’utile.*

<sup>84</sup> Cf., sobre a perspectiva ciceroniana do *aggiornamento* e honesto “amaciamento” de hábitos do *uir humanus*, em sua conexão com um ideal aristocrático de vida, Narducci, E. Il comportamento in pubblico (Cicerone, “De officiis”, I 126-149). *Maia*. Fasc. I, anno XXXVI, p. 203-229, Gennaio/ Aprile 1984b.

Não desejamos, porém, diante da supracitada ausência<sup>85</sup> de verdadeira preceituação rural nesta obra, da apresentação de argumentos filosóficos de modo maciço, por Catão, e da estranheza do cômico<sup>86</sup> a suas linhas, enfatizar qualquer negatividade do *Cato Maior* no cotejo com um sempre mais complexo ou palatável *De re rustica*. São, na verdade, duas obras de natureza distinta, cada qual dotada, a seu modo, de especificidades realçadoras do valor literário dos textos. Note-se, a propósito, sobretudo o significativo cuidado estilístico do *De Senectute*, e o que por vezes se apontou como a grande elaboração “lírica” das partes agrárias da obra.<sup>87</sup> A passagem do “encanto das vinhas”, que abaixo citamos, prestar-se-á a ilustrar tais aspectos de miúda elaboração formal do diálogo ciceroniano:

*Vitis quidem, quae natura caduca est et, nisi fulta est, fertur ad terram, eadem, ut se erigat, clauiculis suis quasi manibus quidquid est nacta complectitur; quam, serpentem multiplici lapsu et erratico, ferro amputans coercescit ars agrorum, ne siluescat sarmentis et in omnis partis nimia fundatur. Itaque ineunte uere in iis quae relicta sunt existit tamquam ad articulos sarmentorum ea quae gemma dicitur; a qua oriens uua se ostendit, quae, et suco terrae et calore solis augescens, primo est peracerba gustatu, dein maturata dulcescit, uestitaque pampinis nec modico tepore caret et nimios solis defendit ardores. Qua quid potest esse cum fructu laetius, tum ad aspectum pulchrius? Cuius quidem non utilitas me solum, ut ante dixi, sed etiam cultura et natura ipsa delectat, adminiculorum ordinis, capitum iugatio, religatio et propagatio uitium, sarmentorum ea, quam dixi, aliorum amputatio, aliorum immissio.*<sup>88</sup>

<sup>85</sup>. Uma observação de Narducci (*op. cit.*, 1984a, p. 124), por sua vez, dá conta da exiguidade de desenvolvimento do plano da ambiência nesta obra ciceroniana: *Nel “De senectute” non abbiamo niente di simile: la dedica ad Attico si limita a indicare, come un “argumentum” drammatico, i nomi dei personaggi che prendono parte al dialogo: e solo un cenno rapidissimo (“apud quem”, “sen”. 3) permette al lettore attento di comprendere che questo si svolge nella casa di Catone.*

<sup>86</sup>. Na verdade, como notaram os comentadores, a obra por vezes se reveste de colorações pungentes, dado divisarmos dramas do próprio Cícero em alguns dos aspectos a que se alude nela, como a dor pela perda da prole (Túlia morreu em fevereiro de 45 a.C. – cf. comentário de J. G. F. Powell a XVIII 84, *apud* Cícero. *Cato Maior de Senectute*. Edited and commented by J. G. F. Powell. Cambridge: University Press, 2004, p. 265; Parkin, *op. cit.*, p. 65: *Cicero’s daughter Tullia had died in February 45 B.C., and the extent of his grief is evident from his letters of the period as well as from the “Tusculan disputations”; he wrote at this time too a consolation for himself on the death of Tullia*), e, já sexagenário – *senex*, pois, como Catão –, o eclipsamento na esfera política. No último caso, o prestígio e conservada *auktoritas* do protagonista do diálogo serve-lhe de subentendido contraponto e, talvez, vã esperança (cf. Grimal, *op. cit.*, p. 369-370).

<sup>87</sup>. Cf. *supra* nota 24.

<sup>88</sup>. *Cato Maior*, 52-53: “Decerto a videira, que naturalmente desce e, se não recebeu apoio algum, lança-se ao chão, ela, para erguer-se, com suas gavinhas como que com mãos, o que quer que tenha encontrado, abraça; a ela, que serpeia em rendilhado e errante passo, podando a ferro retém a arte dos agricultores para não superabundar em ramos, nem se espalhar demais para todas as partes. E assim, à chegada da primavera, naqueles ramos que foram deixados, sai como que junto às suas articulações aquilo que se diz ‘olho’; nascendo dele, mostra-se a uva, que, a aumentar tanto com a seiva da terra quanto com o calor do sol, primeiro tem sabor muito ácido, depois, madura, se adoa e, vestida com pâmpanos, não sente falta de um calor moderado

De início, ressaltamos a colocação em destaque, do ponto de vista sintático, dos principais itens em jogo no trecho, vale dizer, a vinha e a uva. Como se nota pelas palavras acima assinaladas em negrito, o recurso a tal efeito se dá, além de pela repetição, pelo emprego de referentes de ambas a surgirem em primeiro lugar nas orações em que se encontram: então, *uitis, quae* (da primeira vez), *quam, cuius e qua* têm como significado a videira; *quae* (da segunda), a uva. De todo modo, sobretudo reiterar tantas formas do mesmo pronome relativo em proximidade e no início, vimos, corrobora o mecanismo de reforço significativo.

Além disso, segundo procedimentos de seleção lexical francamente afins à prosopopeia,<sup>89</sup> Cícero por vezes escolheu tratar da cultura em questão como se lhe emprestasse características humanas, mais do que, apenas, animadas. Referimo-nos a termos como *manibus* (“com as mãos”), *complectitur* (“abraça”), *articulos* (“articulações”), *uestita [pampinis]* (“vestida com pâmpanos”), *ordines* (“fileiras”)... O terceiro e, sobretudo, o primeiro dessa série integram partes de nossa anatomia, sendo que, para as *mãos*, cabe até definir-nos como seres decisivamente interventores sobre a natureza bruta; ao verbo acima listado ajustou-se, na definição do dicionário latino-português de Saraiva, “cercar... abraçar, (...) abarcar *com as mãos*”; o particípio passado do verbo *uestire*, ainda, pressupõe, no originário contexto de emprego, recobrir-se com peça de tecelagem ou não, mas sempre como aculturada proteção do corpo contra todas as exposições ao ambiente; por último, “fileiras”, da linguagem militar em latim, aproxima-nos em Cícero as linhas de física disposição das vinhas daquelas a conterem soldados prontos ao combate, segundo uma imagem, de resto, depois utilizada pelo Virgílio das *Geórgicas* em seu segundo livro:

“(…). O teu vinhedo talha,  
 como hábil general o exército em batalha:  
 as legiões em linha; a tropa enchendo os campos,  
 regrada, firme, altiva; o chão todo aos relâmpagos                    330  
 co’os fulgidos metais ao largo em torno esplende.  
 A tuba de investir inda em silêncio pende.  
 Marte, alma dos heróis, vagueia inda indeciso”.<sup>90</sup>

e repele os excessivos ardores do sol. Que pode haver, por um lado, de mais agradável que o produto, por outro, de mais belo que a aparência? Dela, decerto, não só a utilidade, como disse antes, mas também o cultivo e a própria natureza me agradam, as fileiras de estacas, a amarra das pontas, a ligadura e a propagação das vinhas, de uns ramos, como falei, a poda, de outros o desenvolvimento” (minha tradução).

<sup>89</sup> Cf. Pernot, L. *La rhétorique dans l'Antiquité*. Paris: Le Livre de Poche, 2000, p. 299: *prosopopée – gr. 'prosôpopoia' – lat. 'personae fictio' (faire parler un mort, une abstraction)*.

<sup>90</sup> Virgílio, *Geórgicas* II, 279-283: *Vt saepe ingenti bello cum longa cohortis/ explicuit legio et campo stetit agmen apertol/ derectaeque acies ac late fluctuat omnis/ aere residentis tellus, necdum horrida miscent/ proelia, sed dubius mediis Mars errat in armis* [aqui, citado em tradução de A. F. de Castilho (Virgílio. *As "Geórgicas"*. Traduzidas a português por A. F. de Castilho. São Paulo: Heros, 1930)].

Em outros detalhes compositivos, ainda, a riqueza de elaboração da passagem ciceroniana se patenteia: mencionamos haver construções simétricas ao correlacionarem-se segmentos (*et suco terrael et calore solis, cum fructu laetius/ tum adspectu pulchrius...*), o que, é certo, denota incorporação de princípios retóricos ao todo.<sup>91</sup> Nas duas primeiras expressões, introduzidas por *et... et* correlativo (“tanto... quanto”), nota-se a presença substantival com recorrência ao caso ablativo e, enfim, dois genitivos de determinação; o segundo exemplo, por sua vez, correlaciona por meio de *cum... tum* (“por um lado... por outro”) dois adjetivos neutros no grau comparativo, sempre acompanhados por um ablativo cada. Sempre no plano da dicção, mais efeitos estilísticos são patentes, como o reforço enfático, ao fim do trecho em recorte, de certos aspectos da viticultura aprazíveis ao *agricola* pela repetição das terminações gramaticais dos termos que os designam (*iugatio, religatio et propagatio uitium, sarmentorum ea, quam dixi, aliorum amputatio...*), no invariável caso nominativo.<sup>92</sup> Como exemplos adicionais do emprego de figuras, citamos a antítese (*cultura et natura* – “o cultivo e a natureza”), o quiasmo (*capitum iugatiol religatio et propagatio uitium* – “amarra das pontas/ das vinhas a ligadura e a propagação”), a comparação (*quasi manibus* – “como que com mãos”/ *tamquam ad articulos sarmentorum* – “como que junto às articulações dos ramos”), a metáfora (*uestita pampinis* – “vestida com pâmpanos”), novo caso de personificação, como observa Coleman-Norton ao citar as palavras *coercet ars* (“retém a arte”),<sup>93</sup> uma interrogação retórica<sup>94</sup> e a aliteração; dessa, faz-se bastante ilustrativo e funcional o excerto abaixo:

*Quam, serpentem multiplici lapsu et erratico, ferro amputans coercet ars agriculturalum,  
ne siluescat sarmentis et in omnis partis nimia fundatur.*

De fato, na passagem Cícero opta pela poeticização do aspecto descritivo, de outro modo corriqueiro, da vinha a serpear pelo solo, aproximando-a, decisivamente, de um ofídio. Isso se faz não só pela exata coincidência morfológica do acusativo do particípio presente do verbo *serpo* (*serpentem*,

<sup>91</sup>. Cf. exemplo similar dado por E. Norden (*La prosa d'arte Antica*. A cura di Benedetta H. Campana. Roma: Salerno Editrice, s.d. Tomo I, p. 241: *patrem meum cum proscriptus non esset iugulastis, occisum in proscriptorum numerum rettulistis*), em que dois incisos de um mesmo membro são expressivamente finalizados por verbos na segunda pessoa do plural do perfeito).

<sup>92</sup>. Retoricamente, trata-se de um tipo de *homoioteleuton*, ou próxima repetição de palavras com terminações gramaticais idênticas [na definição do dicionário latino-português de F. R. S. Saraiva: *Repetição de desinência semelhante (o que nós chamamos rima em poesia)*; na do dicionário latino-inglês de Oxford, *an instance of similar inflexional endings*.].

<sup>93</sup>. Cf. Coleman-Norton, *op. cit.*, p. 216.

<sup>94</sup>. Na *Rhetorica ad Herennium* IV 15, 22, tal figura se nomeia *interrogatio*, caracterizando-se pela afirmação interrogativa de algo.

acima transcrito), em qualificação referencial da vinha, com o mesmo caso de *serpens* (“serpente”, no latim), mas, ainda, pela imagem do rastejamento e pela aliteração na sibilante “s”, harmonicamente imitativa<sup>95</sup> de sonoridades associáveis a esse animal. Também Virgílio, vale lembrar, procederia de maneira semelhante ao recriar, na *Eneida*, o episódio da morte de Laocoonte nos laços de um horrendo dragão marinho enviado por Posídon:

De Tenedos (refiro horrorizado)  
 Juntas, direito à praia, eis duas serpes  
 De espiras cento ao pélagos se deitam:  
 Acima os peitos e as sanguíneas cristas                    210  
 Entonam; sulca o resto o mar tranquilo,

E se encurva engrossando o imenso tergo.  
 Soa espumoso o páramo salgado:  
 Já tomam terra; e, em sangue e fogo tintos  
 Fulmíneos olhos, com vibradas línguas                    215  
 Vinham lambendo assibilantes bocas.  
 Tudo exangue se espalha. (...) <sup>96</sup>

Seja como for, em uma ou outra ocorrência – ou na prosa e na poesia – forma e sentidos conjugam-se em mútua solidariedade a fim de favorecer existir uma mais concreta expressão. Tantos recursos deliberadamente pensados, num trecho tão breve, para refinar o estilo só fazem por confirmar-nos a

<sup>95</sup> Sobre o conceito estilístico de “harmonia imitativa”, cf. Sant’Anna Martins, N. *Introdução à estilística*. São Paulo: Edusp, 2005, p. 73-74, em que a autora explica com exemplos da literatura brasileira – *Os sertões*, de Euclides da Cunha – tratar-se de repetição sonora deliberadamente pensada para “corresponder” ao sentido, como aqui, fazendo-se notar a tentativa de imitação do silvo das cobras pelo acúmulo de sibilantes; para comentários estilísticos de outra natureza (disposição expressiva de termos nos versos) à mesma passagem original da *Eneida*, inclusive tendo em conta os trabalhos de tradutores do porte de Manuel Odorico Mendes e Barreto Feio, cf. de Vasconcellos, P. S. *Duas traduções poéticas da “Eneida”*: Barreto Feio e Odorico Mendes. In: dos Santos, M. M. (org.). *2º. Simpósio de Estudos Clássicos da USP*. São Paulo: Humanitas/ FAPESP, 2007, p. 104-105.

<sup>96</sup> Virgílio, *Eneida* II, 203-212: *Ecce autem gemini a Tenedo tranquilla per alta/ (horresco referens) immensis orbibus angues/ incumbunt pelago pariterque ad litora tendunt;/ pectora quorum inter fluctus arrecta iubaeque/ sanguineae superant undas, pars cetera pontum/ pone legit sinuatque immensa uolumine terga./ Fit sonitus spumante salo; iamque arua tenebant/ ardentisque oculos suffecti sanguine et igni/ sibila lambebant linguis uibrantibus ora./ Diffugimus uisu exsanguis. (...)* - aqui citado em tradução de Manuel Odorico Mendes, que reproduz os efeitos poéticos originais (Virgílio. *Eneida*. Tradução de Manuel Odorico Mendes. E-books, 2005, p. 51): *Eneida* II, 203-212: *Ecce autem gemini a Tenedo tranquilla per alta/ (horresco referens) immensis orbibus angues/ incumbunt pelago pariterque ad litora tendunt;/ pectora quorum inter fluctus arrecta iubaeque/ sanguineae superant undas, pars cetera pontum/ pone legit sinuatque immensa uolumine terga./ Fit sonitus spumante salo; iamque arua tenebant/ ardentisque oculos suffecti sanguine et igni/ sibila lambebant linguis uibrantibus ora./ Diffugimus uisu exsanguis. (...)*

presença do literário, nos termos acima estabelecidos, em tal obra de instrução *filosófica* (não, de fato, *agrária*, apesar de importante intrusão temática nesse sentido). Por outro lado, uma estruturação aparentemente mais simples no cotejo com o *De re rustica* e quanto ao desenvolvimento macroscópico dos sucessivos argumentos filosóficos abordados jamais poderia acobertar o fato de nos encontrarmos, aqui, diante de um dos maiores estilistas prosísticos que a Literatura Ocidental conheceu.<sup>97</sup>

Em outras palavras, diversos foram os propósitos “instrutivos” de Varrão e de Cícero ao compor as obras de que aqui nos ocupamos, diversas as ênfases no modo de elaborar literariamente seus textos, distinto, decerto, o peso da temática agrária em cada um deles, mas sempre permanece o cuidado simultâneo em, dentro de cada grande domínio teórico privilegiado (agropecuária ou filosofia), tratar com critério os assuntos e atribuir-lhes formas, em princípio, não indispensáveis<sup>98</sup> para aquele fim. Tal “literariedade” das duas obras de que nos ocupamos, porém, mais do que como adorno inócuo aos sentidos textuais, opera para construir significações e cativar positivamente o público para uma mais receptiva acolhida dos referentes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGACHE, S. Caton le Censeur, les fortunes d'une légende. In: CHEVALLIER, R. (org.). *Colloque histoire et historiographie. Clio*. Paris: Les Belles Lettres, 1980, p. 71-107.
- \_\_\_\_\_. Construction dramatique et humour dans le «Traité d'agriculture» de Varron. In: TRÉDÉ, M.; HOFFMANN, P. *Le rire des anciens. Actes du colloque international (Université de Rouen, École Normale Supérieure, 11-13 janvier 1995)*. Paris: Presses de l'École Normale Supérieure, 1998, p. 201-230.
- ALFONSI, L. La composizione del «De senectute» ciceroniano. In: *Studi in onore di Salvatore Santangelo. Siculorum Gymnasium: rassegna della Facoltà di Lettere dell'Università di Catania*. Catania: Biblioteca della Facoltà di Lettere e Filosofia, 1955, p. 429-454.
- ANDRÉ, J.-M. *La philosophie à Rome*. Paris: Presses Universitaires de France, 1977.
- ARISTOTE. *Poétique*. Texte établi et traduit par J. Hardy. Paris: Les Belles Lettres, 1990.
- \_\_\_\_\_. *I frammenti dei dialoghi*. A cura di R. Laurenti. Napoli: Loffredo, 1987.
- ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *A poética clássica*. Tradução de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1995.

<sup>97</sup>. Cf. Norden, *op. cit.*, p. 225-251.

<sup>98</sup>. Cf. Jakobson, *op. cit.*, p. 218-219: *Aussi, traitant de la fonction poétique, la linguistique ne peut se limiter au domaine de la poésie. «Pourquoi dites-vous toujours Jeanne et Marguerite, et jamais Marguerite et Jeanne? Préférez-vous Jeanne à sa soeur jumelle?» «Pas du tout, mais ça sonne mieux ainsi.» Dans une suite de deux mots coordonnés, et dans la mesure où aucun problème de hiérarchie n'interfère, le locuteur voit, dans la préséance donnée au nom plus court, et sans qu'il se l'explique, la meilleure configuration possible du message. Une jeune fille parlait toujours de «l'affreux Alfred.» «Pourquoi affreux?» « Parce que je le déteste.» «Mais pourquoi pas terrible, horrible, insupportable, dégoûtant?» «Je ne sais pas pourquoi, mais affreux lui va mieux.» Sans s'en douter, elle appliquait le procédé poétique de la paronomase.*

- ASTIN, A. E. *Cato the Censor*. Oxford: Clarendon Press, 1978.
- AUVRAY-ASSAYAS, C. *Cicéron*. Paris: Les Belles Lettres, 2006.
- BARTON, A. *The names of comedy*. Oxford: Clarendon Press, 1990.
- BLANDENET, M. Le savoir agronomique et sa transmission à Rome à la fin de la République. *Camenulae*. N. 3, p. 1-19, juin 2009.
- BLANK, D. Varro and the epistemological status of etymology. *Histoire, épistémologie, langage*. Paris, vol. XXX, n. 1, p. 49-73, 2008.
- BOISSIER, G. Étude sur la vie et les ouvrages de M. T. Varron. Paris: Hachette, 1861.
- CATON. *De l'agriculture*. Texte établi, traduit et commenté par Raoul Goujard. Paris: Les Belles Lettres, 1975.
- CICERO. *Cato Maior de Senectute*. Edited and commented by J. G. F. Powell. Cambridge: University Press, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Cato Maior de Senectute*. A cura di Vittorio d'Agostino. Società Editrice Internazionale, 1977.
- \_\_\_\_\_. *De la divination*. Traduit et commenté par Gérard Freyburger et John Scheid. Paris: Les Belles Lettres, 2004.
- \_\_\_\_\_. *De la vieillesse*. Texte établi et traduit par Pierre Wuilleumier, introduction, notes et annexe de Jean-Noël Robert. Paris: Les Belles Lettres, 2003.
- \_\_\_\_\_. *De l'orateur*. Texte établi et traduit par E. Courbaud. Paris: Les Belles Lettres, 1922. Livre II.
- \_\_\_\_\_. *Opere retoriche*. A cura di Enrica Malcovati, Giannicola Barone e Filippo Cancelli. Milano: Mondadori, 2007.
- CLAY, D. The origins of socratic dialogue. In: WAERDT, P. A. V. (org.). *The socratic movement*. Ithaca/ London: Cornell University Press, 1994, p. 26-33.
- COLEMAN-NORTON, P. R. Resemblances between Cicero's "Cato Maior" and "Laelius". *The Classical Weekly*. New York, vol. XLI, n. 14, p. 210-216, 1948.
- CONTE, G. B. *Latin literature. A history*. Translated by Joseph B. Solodow, revised by Don Fowler and Glenn W. Most. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1994.
- DALZELL, A. *The criticism of didactic poetry. Essays on Lucretius, Virgil and Ovid*. Toronto/ Buffalo/ London: University of Toronto Press, 1996.
- DE CARIA, F. Cicerone "Cato Maior" 6-8 e Platone "RSP". 328e-330a. *Vichiana*. Napoli, fasc. I-II, p. 219-226.
- DELLA CORTE, F. *Catone Censore. La vita e la fortuna*. Firenze: La Nuova Italia Scientifica, 1969.
- \_\_\_\_\_. *Varrone. Il terzo gran lume romano*. Genova: Pubblicazioni dell'Istituto Universitario di Magistero, 1954.
- EAGLETON, T. *Literary theory. An introduction*. Oxford: Basil Blackwell, 1983.
- ÉTIENNE, R. La volière cosmique de Varron à "Casinum" (Italie). *Revue des études anciennes*. Paris, tome CVIII, p. 229-312, 2006.
- GAILLARD, S.; MARTIN, R. *Les genres littéraires à Rome*. Paris: Nathan/ Scodel, 1990.
- GLARE, P. W. et al. (ed.). *Oxford Latin dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1968.
- GRIMAL, P. *Cicéron*. Paris: Fayard, 1986.
- HEURGON, J. L'effort de style de Varron dans les «Res rusticae». *Revue de Philologie*. Paris, vol. XXIV, p. 58-71, 1950.
- \_\_\_\_\_. Introduction. In: VARRON. Économie rurale. Livre I. Texte établi, traduit et commenté par Jacques Heurgon. Paris: Les Belles Lettres, 2003, p. 7-85.
- HIRZEL, R. *Der Dialog*. Erster Theil. Leipzig: Verlag von S. Hirzel, 1895.
- HUTCHINSON, G. O. Read the instructions: didactic poetry and didactic prose. *Classical Quarterly*. Vol. LIX, n. 1, p. 196-211, 2009.

- JAEGER, W. Homero como educador. In: \_\_\_\_\_. *Paideia. A formação do homem grego*. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 61-84.
- JAKOBSON, R. Linguistique et poétique. In: \_\_\_\_\_. *Essais de linguistique générale. I. Les fondations du langage*. Paris: Les Éditions de Minuit, 2003, p. 209-248.
- JEFFERSON, A. Russian formalism. In: JEFFERSON, A.; ROBEY, D. (org.). *Modern literary theory. A comparative introduction*. London: Batsford Academic and Educational, 1984, p. 16-37.
- KAMM, A. *The Romans. An introduction*. London/ New York: Routledge, 2008.
- KOLENDO, J. Il contadino. In: GIARDINA, A. (org.). *L'uomo romano*. Roma/ Bari: Laterza, 1993, p.217-232.
- KRONENBERG, L. *Allegories of farming from Greece and Rome. Philosophical satire in Xenophon, Varro and Virgil*. Cambridge: University Press, 2009.
- KUMANIECKI, C. Cicerone e Varrone: storia di una conscenza. *Athenaeum*. Pavia, vol. XL, p. 221-243, 1962.
- LAUGHTON, E. Humour in Varro. In: COLLART, J. (org.). *Varron. Grammaire antique et stylistique latine*. Paris: Les Belles Lettres, 1978, p. 105-111.
- LIVY. *Ab urbe condita*. With an English translation by B. O. Foster, Ph.D. Cambridge, Massachusetts/ London, England: Harvard University Press/ Heinemann, 1998. Vol. I.
- MACKENDRICK, P. *The philosophical books of Cicero*. London: Duckworth, 1989.
- MAROUZEAU, J. *Traité de stylistique latine*. Paris: Les Belles Lettres, 1946.
- MARQUES Jr., I. N. *O riso segundo Cícero e Quintiliano: tradução e comentários de "De Oratore", livro II, 216-291 ("De ridiculis") e da Institutio Oratoria, livro IV, 3 ("De risu")*. Dissertação de mestrado inédita. São Paulo: FFLCH-USP, 2008.
- MARTIN, R. *Recherches sur les agronomes latins et leurs conceptions économiques et sociales*. Paris: Les Belles Lettres, 1971.
- MEISSNER, B. *Die technologische Fachliteratur der Antike. Struktur, Überlieferung und Wirkung technischen Wissens in der Antike (ca. 400 v. Chr. – ca. 500 n. Chr.)*. Berlin: Akademie Verlag, 1999.
- MIGUEL, L. A. H. *Varrón*. Madrid: Clásicas, 2000.
- NARDUCCI, E. Il "Cato Maior", o la vecchiezza dell'aristocrazia romana. *Quaderni di storia*. Bari, anno VIII, n. 16, p. 129-142, 1984a.
- \_\_\_\_\_. Il comportamento in pubblico (Cicerone, "De officiis", I 126-149). *Maia*. Fasc. I, anno XXXVI, p. 203-229, Gennaio/ Aprile 1984b.
- NORDEN, E. *La prosa d'arte Antica*. A cura di Benedetta H. Campana. Roma: Salerno Editrice, s.d. Tomo I.
- OTIS, B. *Virgil. A study in civilized poetry*. Norman: University of Oklahoma Press, 1995.
- PARKIN, T. G. *Old age in the Roman world*. Baltimore/ London: The Johns Hopkins University Press, 2003.
- PERNOT, L. *La rhétorique dans l'Antiquité*. Paris: Le Livre de Poche, 2000.
- PERUTELLI, A. Il testo come maestro. In: CAVALLO, G. et alii. (org.). *Lo spazio letterario di Roma antica*. Roma: Salerno Editrice, 1989. Vol. I, p. 277-310.
- PIMENTEL, C. S. *Catão Censor*. Lisboa: Inquérito, 1997.
- POCCETTI, P. Un animal au centre du monde. Le cochon dans l'Antiquité italique et romaine. *Schedae*. Caen, fasc. I, n. 8, p. 125-142, 2009.
- POWELL, J. G. F. Introduction. In: CICERO. *Cato Maior de Senectute*. Edited and commented by J. G. F. Powell. Cambridge: University Press, 2004, p. 1-30ss.
- RABBIE, E. Wit and humor in Roman rhetoric. In: DOMINIK, W.; Hall, J. (org.). *A companion to Roman rhetoric*. Malden, Mass./ Oxford/ Carlton, Victoria: Blackwell Publishing, 2007, p. 207-217.

- ROBERT, J.-N. *Caton ou le citoyen*. Paris: Les Belles Lettres, 2002.
- \_\_\_\_\_. Introduction. In: Cicéron. *De la vieillesse*. Texte établi et traduit par P. Wuilleumier, introduction, notes et annexes de Jean-Noël Robert. Paris: Les Belles Lettres, 2003, p. VII-XXV.
- \_\_\_\_\_. *La vie à la campagne dans l'Antiquité Romaine*. Paris: Les Belles Lettres, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Les plaisirs à Rome*. Paris: Petite Bibliothèque Payot, 2001.
- RUCH, M. Évolution du dialogue platonicien. In: \_\_\_\_\_. *Le préambule dans les oeuvres philosophiques de Cicéron*. Paris: Les Belles Lettres, 1958, p. 31-38.
- de SAINT-DENIS, E. Caton l'ancien vu par Cicéron. *L'information littéraire*. Paris, année VIII, n. 1, p. 93-100, 1956.
- \_\_\_\_\_. Syntaxe du latin parlé dans les "Res rusticae" de Varron. *Revue de Philologie*. Paris, année et tome XXI, p. 141-162, 1947.
- SALMERÓN, J. I. C. Introducción al "De rerum rusticarum". In: VARRÓN. *Rerum rusticarum libri III*. Traducción y comentarios de José Ignacio Cubero Salmerón. Sevilla: Junta de Andalucía, 2010, p. 10-37.
- SANT'ANNA MARTINS, N. *Introdução à estilística*. São Paulo: Edusp, 2005.
- SARAIVA, F. R. S. *Novíssimo dicionário latino-português*. Rio de Janeiro/ Belo Horizonte: Garnier, 1993.
- SCIVOLETTO, N. Le "praelocutiones" di Varrone nei "Rerum Rusticarum Libri". In: SANTINI, C.; SCIVOLETTO, N. (org.). *Prefazioni, prologhi, proemi di opere tecnico-scientifiche latine*. Roma: Herder, 1992. Vol. II, p. 733-747.
- TEJERA, A. D. Aristóteles. In: LÓPEZ-FÉREZ, J. A. (org.). *História de la Literatura griega*. Madrid: Cátedra, 2000, p. 682-736.
- TRAGLIA, A. Osservazioni su Catone prosatore. *Latomus. Revue d'Études Latines*. Bruxelles, vol. CLXXXVII, p. 344-359, 1985.
- \_\_\_\_\_. Le "Res rusticae" di Varrone come opera letteraria. *Cultura e scuola*. Roma, n. XCIV, p. 89-97, 1985.
- TREVIZAM, M. A atenção de Varrão às palavras no livro III do "De re rustica". *Humanitas*. Coimbra, vol. LXIII, p. 355-371, 2011.
- \_\_\_\_\_. A face gramatical de Varrão em "De re rustica" II. *Aletria*. Belo Horizonte, vol. XIX, n. 3, p. 89-101, 2009.
- \_\_\_\_\_. Das especulações etimológicas antigas: as contribuições de Platão e Varrão. *Classica*. Belo Horizonte, vol. XV/ XVI, p. 179-188, 2002-2003.
- \_\_\_\_\_. O "De re rustica" II de Varrão reatino e a comédia greco-romana: analogias. *Caligrama*. Belo Horizonte, vol. XV, n. 1, p. 229-251, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Linguagem e interpretação na Literatura agrária latina*. Tese de doutoramento inédita. Campinas: IEL-UNICAMP, 2006.
- \_\_\_\_\_. Religião romana nos livros iniciais do "De re rustica" varroniano. *Nuntius Antiquus*. Belo Horizonte, n. 4, p. 55-70, 2009.
- VARRÓN. *De lingua Latina*. Introducción, traducción y notas de M. A. M. Casquero. Barcelona/ Madrid: Ánthropos/ Ministerio de la Educación y Ciencia, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Économie rurale. Livre I*. Texte établi, traduit et commenté par J. Heurgon Paris: Les Belles Lettres, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Économie rurale. Livre II*. Texte établi, traduit et commenté par C. Guiraud. Paris: Les Belles Lettres, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Économie rurale. Livre III*. Texte établi, traduit et commenté par C. Guiraud. Paris: Les Belles Lettres, 1997.
- de VASCONCELLOS, P. S. Duas traduções poéticas da "Eneida": Barreto Feio e Odorico Mendes. In: dos SANTOS, M. M. (org.). *2º Simpósio de Estudos Clássicos da USP*. São Paulo: Humanitas/ FAPESP, 2007, p. 91-110.

- VENINI, P. La vecchiaia nel "De senectute" de Cicerone. *Athenaeum*. Pavia, vol. XXXVIII, p. 98-117, 1960.
- VIRGILE. *Géorgiques*. Texte traduit par E. de Saint-Denis. Introduction, notes et postface de J. Pigeaud. Paris: Les Belles Lettres, 1998.
- \_\_\_\_\_. *As "Geórgicas"*. Tradadadas a portuguez por A. F. de Castilho. São Paulo: Heros, 1930.
- \_\_\_\_\_. *Eneida*. Tradução de Manuel Odorico Mendes. E-books, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Eneida*. Tradução e notas de Odorico Mendes. Campinas/ São Paulo: UNICAMP/ Ateliê Editorial, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Eneide*. Introduzione di Antonio La Penna, traduzione e note di Riccardo Scarcia. Milano: Rizzoli, 2002.
- WILKINSON, L. P. *The "Georgics" of Virgil. A critical survey*. Norman: University of Oklahoma Press, 1997.
- XENOPHON. *Oeconomicus. A social and historical commentary*. Translation, introduction and commentary by Sarah B. Pomeroy. Oxford: Clarendon Press, 1995.